a folha

Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias

https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/pt_magazine_pt.htm

N.º 65 — primavera de 2021

Devaneios biológicos (I): fenética, cladística e sufixos dos nomes científicos

Paulo Paixão
Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

> «Sobre o passado da Terra pouco se sabe. Sabe-se que o Cristiano Ronaldo foi o melhor jogador de futebol de sempre; que Portugal foi o país que conseguiu estar em crise durante mais tempo (72 anos consecutivos); que Rita Calçarão, Henrique Furtado e Rafael Ferreira tiveram nota máxima num trabalho de Biologia... No entanto, conseguimos saber mais sobre a Terra através dos seres vivos que lá encontrámos. A Terra foi poluída pelos humanos, provocando assim a extinção de quase todas as espécies existentes. Algumas espécies evoluíram graças à seleção natural, à engenharia genética e aos programas de reprodução seletiva. Ficámos surpreendidos com a cultura dos humanos, e por isso adotámos um sistema de classificação taxonómica semelhante.»(1)

O processo a que se chama **evolução dos seres vivos** envolve a mudança contínua da composição genética de cada população. Tem por base a variação genética entre indivíduos de uma população e a seleção natural daqueles indivíduos cujos atributos lhes conferem uma melhor adaptação ao meio (ele próprio também em mudança), maior probabilidade de sobrevivência, reprodução e transmissão dos genes à sua descendência. Ao fim de muitas gerações, as diferenças entre os descendentes de uma linhagem e os seus antecessores remotos podem ser de tal forma acentuadas que essas populações se consideram espécies diferentes. Este fenómeno de especiação é notório em populações que divergem em isolamento umas das outras e expostas a meios diferentes.

Há vários **conceitos de espécie**, mas os mais comuns são o **conceito biológico**, assente no isolamento reprodutivo, e o **conceito filogenético**, que dá primazia ao processo evolutivo. A sequência de gerações pode ser representada por um fio condutor que se vai ramificando sucessivamente a cada instante reprodutivo. Podemos então falar de uma **árvore filogenética**, ou seja, uma árvore evolucionária da vida, de cujos ramos nascem outros ramos, galhos e folhas: uma continuidade de transmissão genética. Estas ligações e relações também se podem classificar, ordenar e representar sob a forma de **listas taxonómicas** (listas de nomes de organismos e das categorias em que se

organizam) ou de **cladogramas** (representação gráfica dos organismos sob a forma de diagrama de nódulos e linhas divergentes).

A base de dados *Catalogue of Life*(2) inclui quase 90 % dos cerca de 2 200 milhões de espécies conhecidas que atualmente vivem no planeta(3). A **classificação dos seres vivos** é uma tentativa de ordenar as espécies de forma a reproduzir a evolução da vida na Terra, agrupando as mais próximas em conjuntos de unidades coerentes, que são encaixados noutros sucessivamente mais abrangentes. Cada organismo pertence em simultâneo a cada um desses níveis taxonómicos sucessivos. Tais grupos, cujos membros apresentam uma série de características em comum, designam-se coletivamente por **táxones**, a que importa atribuir nome de acordo com regras de nomenclatura específicas e organizar hierarquicamente consoante o nível de abrangência taxonómica. Incluem, por ordem ascendente de complexidade, diversas categorias hierárquicas designadas por **espécies**, **géneros**, **tribos**, **famílias**, **ordens**, **classes**, **filos**, **reinos** e **domínios** (estes também chamados impérios ou super-reinos). Também se recorre a outras categorias, de nível intermédio, cujos nomes se formam por prefixação das categorias principais (por exemplo, super-, sub- e infra-). No caso da **classificação filogenética** (também conhecida como **cladística)**, muitas dessas categorias designam-se simplesmente por **clados** (**ramos**).

A formação do nome científico de cada táxon obedece a regras de **nomenclatura taxonómica** que não são uniformes porque são regidas por códigos diferentes(4): o *Código Internacional de Nomenclatura Zoológica*(5), aplicável aos animais, o *Código Internacional de Nomenclatura das algas, dos fungos e das plantas*(6) e o *Código Internacional de Nomenclatura das Plantas Cultivadas*(7), aplicáveis aos nomes botânicos, e ainda o *Código Internacional de Nomenclatura dos Procariotas*(8), aplicável aos procariotas, embora as cianobactérias continuem a estar no âmbito de dois deles (o botânico e o dos procariotas). Há certos organismos que, por terem sido classificados, em paralelo, como protozoários e algas, ou como protozoários e fungos, estão vinculados a ambos os códigos (botânico e zoológico). Embora não se considerem organismos, os vírus são geralmente tratados como parte da diversidade biológica, pelo que numa resenha de nomenclatura importa citar igualmente o *Código Internacional de Classificação e Nomenclatura dos Vírus*(9).

A **classificação lineana** tradicional, que originalmente visava a identificação e catalogação das espécies, consiste na ordenação dos nomes associados a **tipos** definidos (espécimes descritos) de seres vivos segundo uma metodologia fenética, isto é, em função do seu grau de similaridade fenotípica, mesmo que essa ordem não reflita a origem comum das espécies ou grupos de espécies. Ao contrário desta, a **classificação cladística** assenta na genealogia e nas relações evolutivas de **grupos naturais** ou **monofiléticos** (**clados**). Essas relações são confirmadas por análise molecular que põe em evidência a plasticidade dos caracteres fenotípicos e expõe exemplos de evolução convergente até então desconhecidos.

Em consonância com o *Código Internacional de Nomenclatura Filogenética*(10), os clados estão associados a uma definição filogenética que inclui um antepassado comum e todos os seus descendentes e apenas estes (ou seja, um nó da ramificação e todos os ramos que se originaram a partir desse nó). A monofilia é um critério importante nos modernos sistemas de classificação taxonómica dos seres vivos, aplicando-se sobretudo aos eucariotas(11). Os dinossauros são um grupo monofilético apenas se neles incluirmos os ainda existentes, que são as aves (o único subgrupo de dinossauros que sobrevive até hoje). Os répteis, do modo como vulgarmente os entendemos (apenas as tartarugas, os lagartos, as cobras e os crocodilos), não são um grupo monofilético, mas sim um **grupo parafilético**, porque abrangem vários descendentes do antepassado comum, mas não todos eles (ignorando as aves).

O vocabulário taxonómico dos seres vivos compreende **nomes científicos** únicos para cada unidade taxonómica. Esses nomes, em latim ou latinizados, têm geralmente uma terminação específica, um **sufixo** próprio para cada nível taxonómico (como *-idae* no caso das famílias zoológicas). Porém, apesar de existir algum consenso da comunidade internacional de zootaxonomistas em torno de determinados grupos(12), os táxones zoológicos acima de superfamília não são abrangidos (por vários e

bons motivos) pelo código internacional, sendo variável a formação e ortografia desses sufixos (**nomenclatura circunscricional** que não exige atender ao nível ou posição do táxon a que está associada). Mesmo fora do âmbito da zoologia, também é grande o grau de liberdade na formação de sufixos de muitos outros grupos superiores.

táxon	bactérias	algas	plantas	fungos	animais
Divisão/Filo		*-phyta* -fitas		*-mycota* -micotos (**)	
Subdivisão/Subfilo		*-phytina* -fitinas		*-mycotina* -micotinos (**)	
Classe	*-ia* -ia (*)	*-phyceae* -fíceas	*-opsida* -ópsidas	*-mycetes* -micetes	
Subclasse	*-idae* -ídeas	*-phycidae* -ficídeas	*-idae* -ídeas	*-mycetidae* -micetídeos	
Superordem		*-anae* -anas			
Ordem	*-ales* -ales	*-ales* -ales			
Subordem	*-ineae* -íneas	*-ineae* -íneas			
Superfamília					-oidea -oides
Família	*-aceae* -áceas	*-aceae* -áceas			-idae -ídeos
Subfamília	*-oideae* -óideas	*-oideae* -óideas			-inae -íneos
Tribo/Infrafamília	*-eae* -eas	*-eae* -eas			-ini -inos
Subtribo	*-inae* -inas	*-inae* -inas			-ina -inas

(*) Geralmente *-ia*, mas variável (*Bacilli*, *Clostridia*, *Negativicutes*, etc.).

(**) É preferível empregar as terminações -micotos e -micotinos, ainda pouco usadas mas fiéis aos nomes científicos *-mycota* e *-mycotina*, ao tradicional -micet-, que é mais adequado para os sub-reinos *-myceta* recentemente propostos por Tedersoo et al[13]. Anteriormente os *Basidiomycota* eram chamados *Basidiomycetes*, um nome de classe inválido cunhado em 1959 como contraponto a *Ascomycetes*, quando nenhum destes táxones eram reconhecidos como filos. Os termos basidiomicetos/basidiomicetes e ascomicetos/ascomicetes são frequentemente usados de forma imprecisa para referir-se a *Basidiomycota* e *Ascomycota*[14].

É importante ter em conta que a taxonomia biológica dos níveis superiores está longe de alcançar a estabilidade. Surgem frequentemente agrupamentos taxonómicos defendidos por uns investigadores, mas questionados por outros. Nas últimas décadas reconheceram-se muitos táxones superiores novos em consequência da aplicação da análise cladística. Muitos deles são invocados apenas por especialistas, mas alguns também são conhecidos do público em geral.

Nada impede a adaptação dos nomes científicos dos táxones para português ou qualquer outra língua, criando assim em paralelo um **vocabulário vernáculo de cariz técnico**, bem mais diverso que o acervo de **nomes vulgares** do **vocabulário vernáculo de raiz popular**. Em termos de significado, estes últimos são geralmente mais amplos que as espécies, raramente coincidindo com elas (por exemplo, quando se fala de antílopes, faz-se a imagem mental de um tipo de animal, sem se identificar com precisão e em particular nenhuma das muitas espécies de antílopes).

O vocabulário vernáculo pode incluir **formas paracientíficas** criadas por adaptação dos nomes científicos à ortografia da língua vernácula (por exemplo, a garça é um ardeídeo; os ardeídeos são espécies da família Ardeídeos, do nome científico do táxon: Ardeidae). Mesmo as formas paracientíficas **inválidas**, por representarem **grupos artificiais**, **polifiléticos** ou não naturais (Pisces, Invertebrata, Vermes, Algae, Protozoa, etc.), têm correspondentes em português (peixes, invertebrados, vermes, algas, protozoários). O zoólogo brasileiro Rodolpho von Ihering (1883-1939)

foi um dos primeiros, se não o primeiro, a propor normas para a adaptação de nomes científicos ao português, definindo sufixos para vários níveis hierárquicos da classificação lineana, especialmente família e subfamília[(15)]. Procurando alargar este conceito à formação de outros nomes paracientíficos, em consonância com o disposto no *Manual de Galego Científico*[(16)], sugerem-se aqui algumas regras de correspondência com sufixos portugueses. Espera-se assim contribuir para o **enriquecimento linguístico** com um vocabulário harmonizado, que importa proteger de corruptelas e conservar para o futuro em prol da **estabilidade ortográfica**.

Um táxon, ainda que representado por um tipo único utilizado para descrever uma espécie, refere-se sempre a um agrupamento de indivíduos. Mesmo o nome de uma espécie não designa nenhum indivíduo isolado, mas toda uma categoria de animais semelhantes (por exemplo, uma ou mais populações). Por isso, em termos gramaticais, um táxon não é um substantivo próprio. Sendo um **nome comum** e referindo-se em termos coletivos ao conjunto de organismos compreendidos no táxon, deve escrever-se com minúscula inicial, tanto no singular (por exemplo, o cão, um cão) como no plural (por exemplo, os primatas). Admite-se, porém, a escrita com maiúscula inicial caso se pretenda destacar o nome próprio do táxon sem recorrer à preposição «dos» (por exemplo, a família dos ardeídeos ou a família Ardeídeos).

Faz sentido que o género gramatical das formas paracientíficas siga o género das categorias taxonómicas superiores nas quais se inserem. Assim, são masculinos os nomes de táxones animais (os metazoários, os orníturas, os dinossáurios, etc.) e femininos os nomes de plantas (as espermatófitas, as angiospérmicas, as vanilóideas). Nalguns casos, a concordância de género pode variar em função do grupo taxonómico superior (explícito ou simplesmente subentendido) que se pretenda adjetivar (as neornites — ou seja, as aves neornites — ou os neornites). Outrora comum, parece estar em desuso o emprego do género masculino nas categorias superiores de plantas (briófitos, pteridófitos, espermatófitos, traqueófitos, talófitos, etc.).

Deste modo, os **grupos taxonómicos superiores** (família, ordem, classe, filo, etc.) podem adaptar-se à ortografia e à fonética próprias do português. Caso não se faça essa adaptação, devem escrever-se em latim, com a inicial maiúscula, em itálico nos casos regidos pelos códigos bacteriano e botânico e em tipo redondo nos casos regidos pelo código zoológico. Sempre que um texto esteja em itálico (por exemplo em títulos de artigos ou publicações ou outros destaques), os nomes científicos nele inseridos revertem para tipo redondo, para que continuem destacados do resto da frase.

Aplicam-se as normas ortográficas da língua portuguesa (Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990[(17)]), nomeadamente no que diz respeito à utilização do **hífen** (base XV, n.º 3), da **minúscula inicial** (base XIX, n.º 1, alínea a) e do **apóstrofo** (base XVIII, n.º 1, alínea d):

- emprega-se o hífen nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, ligadas ou não por preposição ou qualquer outro elemento (milhafre-preto, fuinha-dos-juncos);
- utiliza-se minúscula inicial para os nomes próprios que possam figurar, como nome geográfico (ganso-do-egito, canário-do-amazonas) ou de uma pessoa (joão-de-barro, gaio-de-steller), nos nomes vulgares, os quais são nomes comuns, por mais que neles contenham nomes próprios;
- pode recorrer-se ao apóstrofo entre certos elementos da palavra composta (galinha-d'água, melro-d'água).

No caso dos nomes de táxones formados a partir de nomes de pessoas, é conveniente que o nome vernáculo mantenha a ortografia original já seguida no nome científico. Por exemplo, entre as briófitas, as hepáticas da ordem *Jungermanniales* são jungermanniales, embora se admita o aportuguesamento para jungermânias quando se faça referência concreta às espécies do género *Jungermannia* (homenagem prestada pelo botânico Heinrich Ruppius a outro botânico alemão, Ludwig Jungermann). O mesmo raciocínio se aplica a pteridófitas como os fetos da família

Marattiaceae, as marattiáceas (em homenagem ao botânico italiano Giovanni Francesco Maratti). Também se encontram casos destes em zoologia, como os cettiídeos, aves passeriformes da família Cettiidae (homenagem ao zoólogo italiano Francesco Cetti). Embora «ch» em latim corresponda ao som *k*, também pode ser *x*, como no caso de *Escherichia coli*, bactéria descrita como *Bacterium coli commune* pelo pediatra austríaco Theodor Escherich e mais tarde reclassificada num novo género ao qual foi atribuído um nome em homenagem ao descobridor da espécie.

É frequente encontrar o mesmo nome paracientífico escrito de várias maneiras em português (por exemplo, angiospermas e angiospérmicas). Essa variabilidade ortográfica pode mesmo dificultar a identificação precisa das categorias taxonómicas em questão. Assim, propõe-se um conjunto de soluções, acompanhado de táxones exemplificativos, para os seguintes sufixos e outras terminações mais comuns na nomenclatura dos seres vivos:

sufixos e terminações				**táxones**		
científico			**pt**	**científico**	**pt**	**categorias**
-a	**-ada**		-ados (esdrúxula)	*Metamonada*	metamónados	superior
				Tardigrada	tardígrados	filo/ animais
	-ata		-ados	Chordata Vertebrata Craniata *Dinoflagellata* Odonata	cordados vertebrados craniados dinoflagelados odonados	superior
		-dermata	-dermes	Echinodermata	equinodermes	filo/ animais
	-ca		-cos	Mollusca	moluscos	filo/ animais
	-cauda		-caudos	Avebrevicauda	avebrevicaudos	superior
	-cha		-cos	Kynorhyncha	quinorrincos	filo/ animais
		-tricha	-tríqueos	Gastrotricha	gastrotríqueos	filo/ animais
	-chia		-quios	Suchia	súquios	superior
	-ea		-eias	*Arquea*	arqueias	superior
			-eos (esdrúxula)	Amorphea Cetacea	amórfeos cetáceos	superior infraordem/ mamíferos
			-inos	Nemertea	nemertinos	filo/ animais
		-oidea	-oides	Tyrannoidea Apoidea	tiranoides apoides	superfamília/ animais
	-gnatha		-tos (esdrúxula)	Agnatha Chaetognatha	ágnatos quetógnatos	superior
	-gnathia		-tios (esdrúxula)	Probainognathia	probainognátios	superior
	-ida		-idos (esdrúxula)	Priapulida Anellida Arachnida Romeriida	priapúlidos anélidos arácnidos romeríidos	filo/ animais classe/ artrópodes
		-opsida	-ópsidas	*Liliopsida*	liliópsidas	classe/ plantas
		-apsida	-ápsidos	Therapsida	terápsidos	superior/ répteis
	-ina		-inas	Hominina	homininas	subtribo/ animais
		-mycotina	-micotinos	*Zygomycotina*	zigomicotinos	subfilo/ fungos
		-phytina	-fitinas			subdivisão/ plantas e algas
	-ira		-iros	Ornithodira	ornitdiros	superior
	-lia		-lios	Pygostylia Crocodylia	pigostílios crocodílios	superior ordem/ répteis
			-is	Animalia Marsupialia	animais marsupiais	superior infraclasse/ mamíferos
				Reptilia	répteis (irregular)	classe/ cordados
			-feros (esdrúxula)	Mammalia	mamíferos	classe/ cordados

			-rios	Placentalia	placentários	superior
	-microbia		-micróbios	*Verrumicrobia*	verrumicróbios	superior
	-morpha		-morfos	Reptiliomorpha	reptiliomorfos	superior
	-oda		-odos (esdrúxula)	Nematoda	nemátodos	filo/ animais
		-poda	-podes (esdrúxula)	Arthropoda Gastropoda	artrópodes gastrópodes	filo/ animais classe/ moluscos
	-omia		-ómios	Deuterostomia	deuterostómios	superior
	-onta		-ontos	Unikonta	unicontos	superior
	-ota		-otas	Eukaryota Amniota	eucariotas amniotas	superior
			-otos	Pholidota	folidotos	ordem/ mamíferos
		-mycota	-micotos	*Zygomycota*	zigomicotos	filo/ fungos
	-phyta		-fitas (esdrúxula)	*Spermatophyta*	espermatófitas	divisão/ plantas e algas
	-procta		-proctos	Entoprocta	entoproctos	filo/ animais
	-ra		-ros	Averostra	averrostros	superior
		-fera	-feros (esdrúxula)	*Foraminifera*	foraminíferos	superior
				Loricifera	loricíferos	filo/ animais
		-phera	-feros (esdrúxula)	Poriphera	poríferos	superior
		-phora	-foros (esdrúxula)	Metopophora	metopóforos	superior
		-ptera	-pteros (esdrúxula)	Coleoptera	coleópteros	ordem/ artrópodes
		-raptora	-res	Maniraptora	manirraptores	superior
	-ria		-rios (esdrúxula)	Bilateria Theria	bilatérios térios	superior
		-aria	-árias			infraordem/ plantas, algas e fungos
		-bacteria	-bactérias	*Cyanobacteria*	cianobactérias	superior
		-sauria	-sáurios -sauros	Sauria Dinossauria Ptersauria	sáurios dinossáurios/auros pterossáurios/auros	superior/ répteis
	-tia		-tios (esdrúxula)	Rhipidistia	ripidístios	superior
		-odontia	-odontes	Cynodontia	cinodontes	superior
	-via		-ves	Bivalvia	bivalves	classe/ moluscos
	-zoa		-zoários	Metazoa	metazoários	superior
-e	**-ae**		-as	*Plantae* Ornithurae Avialae Neognathae Araneae	plantas ornituras avialas neognatas aranhas (irregular)	superior infraclasse/ aves ordem/ artrópodes
		-aceae	-áceas	*Geraniaceae*	geraniáceas	família/ plantas, algas, fungos e bactérias
		-anae	-anas	*Lilianae*	lilianas	superordem/ plantas
		-atae	-adas	*Labiatae*	labiadas	antiga família/ plantas
		-eae	-eas	*Vanilleae*	vaníleas	tribo/ plantas, algas, fungos e bactérias
		-gamae	-gâmicas	*Cryptogamae*	criptogâmicas	superior/ plantas

		-idae	-ídeos	Picidae	picídeos	família/ animais
			-ídeas			subclasse/ plantas e bactérias
		-inae	-íneos	Homininae	hominíneos	subfamília/ animais
			-inas	*Eriinae*	eriinas	subtribo/ plantas, algas, fungos e bactérias
		-ineae	-íneas	*Fabineae*	fabíneas	subordem/ plantas, algas, fungos e bactérias
		-mycetidae	-micetídeos			subclasse/ fungos
		-oideae	-óideas	*Vanilloideae*	vanilóideas	subfamília/ plantas, algas, fungos e bactérias
		-phyceae	-fíceas			classe/ algas
		-phycidae	-ficídeas			subclasse/ algas
		-spermae	-spérmicas	*Angiospermae*	angiospérmicas	intermédia/ plantas
-i	**-i**		-os	Haplorhini Odontoceti Passeri	haplorrinos odontocetos pássaros	subordem/ animais
				Fungi	fungos	superior
		-cocci	-cocos	*Thermococci*	termococos	classe/ arqueias
		-gii	-gios (esdrúxula)	Sarcopterygii	sarcopterígios	superior
		-ini	-inos	Hominini	homininos	tribo/ animais
		-omi	-omos (esdrúxula)	Teleostomi	teleóstomos	superior
-s	**-es**		-es	Brevirostres Olfactores	brevirostres olfatores	superior
				Aves	aves	classe/ cordados
			-as	Primates	primatas	ordem/ mamíferos
		-ales	-ales	*Asterales*	asterales (sing.: asterale)	ordem/ plantas, algas, fungos e bactérias
		-formes	-formes	Dinosauriformes	dinosauriformes	superior
				Gruiformes Simiiformes	gruiformes simiiformes	ordem/ aves infraordem/ primatas
		-ichthyes	-íctios	Chondrichthyes	condrícties	superior
		-ides	-ides	Passerides	passerides	infraordem/ animais
				Orionides	orionides	superior
		-mycetes	-micetes	*Zygomycetes*	zigomicetes	classe/ fungos
		-spermes	-spérmicas	*Angiospermes*	angiospérmicas	superior/ plantas

Além da aplicação exata destes termos no contexto concreto da taxonomia, podem formar-se muitas outras palavras derivadas da nomenclatura dos seres vivos. Nesses casos, a sufixação é livre e variável, pois não se exige uma correspondência exata com grupos taxonómicos, como nos seguintes exemplos:

aviário serpentário	locais onde existem (aves, serpentes, etc.)
reptiliano	semelhante a (répteis, etc.)
pinhal humanidade	coletivos de seres vivos
vinícola apícola	com o sentido de cultivo (de videiras, etc.) ou criação (de abelhas, etc.)
cáprico caprílico	no âmbito da química (ácidos, etc.)
animalístico animalismo	referentes a (animais, etc.) no sentido geral ou abstrato
carnívoro caprino	referentes a (animais, etc.) no sentido geral ou no contexto de atividades como a agropecuária, mesmo que coincidentes com formas paracientíficas

Dada a semelhança de nomes de táxones que apenas variam de sufixo, a tradução exata destes nomes exige atenção especial. Pode ser útil fazê-lo a dois tempos: primeiro passando as formas paracientíficas estrangeiras da língua original (inglês, francês, etc.) para o nome científico (e assim perceber bem de que táxon se trata) e, em seguida, convertendo-o para o correspondente vocábulo português, como no exemplo seguinte:

> «These fossils document that whales are derived from ungulates (mesonychid condylarthra) that increasingly became adapted to life in water. (…) The terrestrial ancestor of the whales has now been shown to have been an artiodactyl rather than a mesonychid ungulate. (…) The australopithecine ancestors of man also form a rather impressive transition from a chimpanzeelike anthropoid stage to that of modern humans.»[18)]
> [Estes fósseis evidenciam o facto de as baleias derivarem de ungulados (condilartros mesoníquios) que se adaptaram progressivamente à vida na água. (…) Entretanto, demonstrou-se que o antepassado terrestre das baleias terá sido um artiodáctilo e não um condilartro mesoníquio. (…) Os australopitecíneos que antecederam o homem formam igualmente uma transição deveras impressionante de um estádio antropoide semelhante ao chimpanzé até aos humanos modernos.]

en	Científico	taxonomia	pt
whales	Cetacea	ordem de mamíferos ungulados, ou infraordem quando considerados abrangidos pela ordem Cetartiodactyla do ponto de vista cladístico	baleias
ungulate	Ungulata	clado de mamíferos	ungulados
mesonychid	†Mesonychia	ordem de mamíferos ungulados	mesoníquios
condylarthra	†Condylarthra	grupo informal ou táxon-lixeira, antigamente considerado uma ordem de mamíferos ungulados	condilartros
artiodactyl	Artiodactyla	ordem de mamíferos ungulados	artiodáctilos
australopithecine	Australopithecina	sinónimo de Hominina, atual subtribo de primatas homininos (Hominini)	australopitecinas
	Australopithecinae	antiga subfamília de primatas hominídeos (Hominidae), que se aplicava à data da publicação daquele texto	australopitecíneos
man	*Homo sapiens*		homem, ser humano
anthropoid	Anthropoidea	infraordem de primatas, habitualmente designada por Simiiformes (símios, grandes símios ou grandes macacos) e, secundariamente, por Anthropoidea (nome construído com terminação inadequada reservada para as superfamílias de animais)	antropoides
modern humans	*Homo sapiens sapiens*		humanos modernos

Embora existam classificações taxonómicas para muitos grupos de organismos, são raras as que abrangem todas as formas de vida e nenhuma reúne o consenso necessário para se afirmar como oficial(19). Isto deve-se, por exemplo, a relações filogenéticas contraditórias ou indeterminadas e a objetivos de classificação e cladificação não coincidentes. A classificação de Ruggiero *et al.*(20) abrange os eucariotas e os procariotas até ao nível das ordens, exceto os representantes fósseis. Apesar de não ser puramente filogenética (não rejeita grupos parafiléticos), é uma classificação de consenso, que assenta no conceito taxonómico lineano, representa um compromisso entre opiniões diversas e evidências contraditórias e proporciona a estrutura hierárquica do *Catalogue of Life*.

Classificação simplificada, adaptada de Ruggiero et al. (2015) (procariotas) e tendencialmente filogenética com base na Wikipédia (eucariotas)	
táxon	**pt**
Superdomínio Prokaryota	procariotas
Domínio Archaea	arqueias
Reino Archaebacteria	arquibactérias
Filo Crenarchaeota	crenarqueotas
Classe Thermoprotei	termoprotos
Filo Euryarchaeota	euriarqueotas
Classe Methanobacteria	metanobactérias
Classe Methanococci	metanococos
Classe Methanomicrobia	metanomicróbios
Classe Halobacteria	halobactérias
Classe Thermoplasmata	termoplasmados
Classe Thermococci	termococos
Classe Archaeoglobi	arqueoglobos
Classe Methanopyri	metanopiros
Domínio Bacteria	bactérias
Reino Eubacteria	eubactérias
Sub-reino Negibacteria	negibactérias
Filo Acidobacteria	acidobactérias
Filo Aquificae	aquíficas
Filo Armatimonadetes	armatimonadetes
Filo Bacteroidetes	bacteroidetes
Filo Caldiserica	caldiséricos
Filo Chlamydiae	clamídias
Filo Chlorobi	cloróbios
Filo Chrysiogenetes	crisiogenetes
Filo Cyanobacteria (=Cyanophyta)	cianobactérias (=cianófitas)
Filo Deferribacteres	deferribacteres
Filo Deinococcus-Thermus (=Hadobacteria)	deinococos-termos (=hadobactérias)
Filo Dictyoglomi	dictioglomos
Filo Elusimicrobia	elusimicróbios
Filo Fibrobacteres	fibrobacteres
Filo Fusobacteria	fusobactérias
Filo Gemmatimonadetes	gematimonadetes
Filo Lentisphaerae	lentisferas
Filo Nitrospira	nitrospiros
Filo Planctomycetes	planctomicetes
Filo Proteobacteria	proteobactérias
Filo Spirochaetae	espiroquetas
Filo Synergistetes	sinergistetes
Filo Thermodesulfobacteria	termodessulfobactérias
Filo Thermotogae	termótogas
Filo Verrucomicrobia	verrucomicróbios
Sub-reino Posibacteria	posibactérias
Filo Actinobacteria	actinobactérias
Filo Chloroflexi (=Chlorobacteria)	cloroflexos (=clorobactérias)

Filo Firmicutes	firmicutes
Filo Tenericutes	tenericutes
Superdomínio Eukariota	eucariotas
Bikonta	bicontos
Filo Apusozoa	apusozoários
Corticata	corticados
Archaeplastida/Primoplantae	arquiplástidos/primoplantas
Filo Glaucophyta	glaucófitas
Filo Rodophyta	rodófitas
Reino Plantae	plantas
Sub-reino Viridiplantae	viridiplantas
Divisão Chlorophyta	clorófitas
Divisão Charophyta	carófitas
Sub-reino Embryophyta	embriófitas
Divisão Marchantiophyta/Hepaticophyta	marcantiófitas/hepaticófitas
Divisão Anthocerotophyta	antocerotófitas
Divisão Bryophyta	briófitas
Divisão Lycopodiophyta/Lycophyta	licopodiófitas/licófitas
Divisão Equisetophyta	equisetófitas
Divisão Pteridophyta	pteridófitas
Divisão Psilotophyta	psilotófitas
Divisão Ophioglossophyta	ofioglossófitas
Superdivisão Spermatophyta	espermatófitas
Divisão Cycadophyta	cicadófitas
Divisão Ginkgophyta	gincgófitas
Divisão Pinophyta	pinófitas
Divisão Gnetophyta	gnetófitas
Divisão Magnoliophyta	magnoliófitas
Chromalveolata	cromalveolados
Filo Heterokontophyta/Stramenopila	heterocontófitas/estramenópilos
Filo Haptophyta	haptófitas
Filo Cryptophyta	criptófitas
Superfilo Alveolata	alveolados
Filo Ciliophora	cilióforos
Filo Apicomplexa	ampicomplexos
Filo Dinoflagellata	dinoflagelados
Cabozoa	cabozoários
Rhizaria	rizários
Filo Cercozoa	cercozoários
Filo Foraminifera	foraminíferos
Filo Radiolaria	radiolários
Excavata	excavados
Filo Metamonada	metamónados
Filo Loukozoa/Jakobida	lucozoários/jacóbidos
Filo Euglenozoa	euglenozoários
Filo Percolozoa	percolozoários
Unikonta	unicontos
Amoebozoa	amibozoários
Classe Tubulinea	tubulinos
Classe Flabellinea	flabelinos
Classe Myxomycota	mixomicetos
Classe Archamoebae	arcamibas
Opisthokonta	opistocontos
Filo Choanozoa	coanozoários
Classe Choanoflagellata/Choanomonada	coanoflagelados/coanomónados
Classe Corallochytrea	coraloquitreias
Classe Mesomycetozoea/Ichthyosporea	mesomicetozoeias/ictiosporeias
Classe Cristidiscoidea/Nucleariida	cristidiscoides

Reino Fungi	fungos
Filo Chytridiomycota	quitridiomicetos
Filo Blastocladiomycota	blastocladiomicetos
Filo Neocallimastigomycota	neocalimastigomicetos
Filo Glomeromycota	glomeromicetos
Filo Zygomycota	zigomicetos
Sub-reino Dikaria	dicários
Filo Ascomycota	ascomicetos
Filo Basidiomycota	basidiomicetos
Reino Animalia/Metazoa	animais/metazoários
Filos: ver o quadro seguinte	

Zhang editou em 2011[21], com atualização em 2013[22], uma taxonomia do reino animal que congrega o esforço colaborativo de muitos taxonomistas. Utiliza uma sequência linear dos níveis taxonómicos tradicionais (desde Lineu) em combinação com um sistema de numeração sucessiva para representar as relações filogenéticas.

Classificação lineano-evolucionista dos filos de animais, segundo Zhang		
táxon	**pt**	**n.º de espécies**
Reino Animalia	animais	1 659 420 espécies, incl. †133 692
Filo †Trilobozoa	trilobozoários	5 espécies, incl. †5
Filo 1 Ctenophora	ctenóforos	187 espécies, incl. †0
Filo 2.1 Porifera	poríferos	10 876 espécies, incl. †2 217
Filo 2.2 1 Placozoa	placozoários	1 espécie, incl. †0
Filo 2.2.2.1 Cnidaria	cnidários	16 383 espécies, incl. †6 180
Filo 2.2.2.2 Myxozoa	mixozoários	2 425 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.1.1 Xenoturbellida	xenoturbélidos	2 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.1.2 Acoelomorpha	acelomorfos	428 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.2.1 Orthonectida	ortonéctidos	29 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.2.2 Rhombozoa	rombozoários	107 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.3.1.1.1 Cephalochordata	cefalocordados	33 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.3.1.1.2.1 Tunicata	tunicados	2 804 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.3.1.1.2.2 Craniata	craniados	85 432 espécies, incl. †19 974
Filo 2.2.2.3.3.1.2 1 Echinodermata	equinodermes	20 550 espécies; incl. †13 000
Filo 2.2.2.3.3.1.2.2 Hemichordata	hemicordados	126 espécies; incl. †23
Filo 2.2.2.3.3.2.1 Chaetognatha	quetógnatos	186 espécies; incl. †16
Filo 2.2.2.3.3.2.2.1.1 Nematoda	nemátodos	25 043 espécies, incl. †10
Filo 2.2.2.3.3.2.2.1.2 Nematomorpha	nematomorfos	354 espécies, incl. †15
Filo 2.2.2.3.3.2.2.2 Tardigrada	tardígrados	1 335 espécies, incl. †168
Filo 2.2.2.3.3.2.2.3.1 Onychophora	onicóforos	187 espécies, incl. †4
Filo 2.2.2.3.3.2.2.3.2 Arthropoda	artrópodes	1 302 809 espécies; †45 769
Filo 2.2.2.3.3.2.2.4.1 Priapulida	priapúlidos	20 espécies, incl. †1
Filo 2.2.2.3.3.2.2.4.2 Loricifera	loricíferos	30 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.3.2.2.4.3 Kinorhyncha	quinorrincos	196 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.3.2.3.1.1 Bryozoa	briozoários	11 474 espécies; incl. †5 466
Filo 2.2.2.3.3.2.3.1.2.1 Entoprocta	entoproctos	172 espécies, incl. †1
Filo 2.2.2.3.3.2.3.1.2.2 Cycliophora	ciclióforos	2 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.3.2.3.2.1.1 Annelida	anélidos	17 426 espécies, incl. †38
Filo 2.2.2.3.3.2.3.2.1.2 Sipuncula	sipúnculos	147 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.3.2.3.2.1.3 Echiura	equiúros	198 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.3.2.3.2.2 Mollusca	moluscos	118 061espécies, incl. †33 084
Filo 2.2.2.3.3.2.3.2.3 Nemertea	nemertinos	1 358 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.3.2.3.2.4.1 Brachiopoda	braquiópodes	7 390 espécies, incl. †6 998
Filo 2.2.2.3.3.2.3.2.4.2 Phoronida	forónidos	16 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.3.2.3.3.1 Gastrotricha	gastrotríqueos	794 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.3.2.3.3.2 Platyhelminthes	platielmintes	29 488 espécies, incl. †1
Filo 2.2.2.3.3.2.3.3.3.1 Gnathostomulida	gnatostomúlidos	97 espécies, incl. †0

Filo 2.2.2.3.3.2.3.3.3.2 Micrognathozoa	micrognatozoários	1 espécie, incl. †0
Filo 2.2.2.3.3.2.3.3.3.3.1 Rotifera	rotíferos	2 049 espécies, incl. †0
Filo 2.2.2.3.3.2.3.3.3.3.2 Acanthocephala	acantocéfalos	1 199 espécies, incl. †2

Para exemplificar o uso dos sufixos e outros elementos de formação pospositivos da nomenclatura zoológica e botânica em clados filogenéticos, apresenta-se em seguida a análise cladística de um réptil (um jacaré), compreendendo um leque alargado de grupos taxonómicos que abrangem igualmente antepassados extintos, conhecidos apenas de fósseis, e alguns ramos divergentes que correspondem aos grupos taxonómicos superiores mais conhecidos.

jacaré-americano (réptil)		
científico	**pt**	**táxones divergentes**
	último antepassado comum universal (UACU)(23)	procariotas (bactérias e arqueias)
domínio Eukarya (=Eukaryota)	eucariotas	discicristados (euglenozoários e percolozoários)
clado Orthokaryotes	ortocariotas	jacóbeos
clado Neokaryotes	neocariotas	plantas
clado Scotokaryotes	escotocariotas	metamónados
clado Podiata	podiados	CRuMs (colodictionídeos, rigifilidos, *Mantamonas*)
clado Unikonta (=Amorphea)	unicontos (=amórfeos)	amibozoários
clado Obazoa	obazoários	apusomonádidos
clado Opisthokonta	opistocontos	holomicetos (incl. fungos)
clado Holozoa	holozoários	ictiospóreos
clado Filozoa	filozoários	filastéreos
clado Choanozoa	coanozoários	coanoflagelados
reino Animalia (=Metazoa)	animais (=metazoários)	poríferos (ablásticos)
sub-reino Eumetazoa	eumetazoários (diploblásticos)	ctenóforos
clado ParaHoxozoa	para-hoxozoários	placozoários
clado Planulozoa	planulozoários	cnidários (incl. trilobozoários e mixozoários)
clado Bilateria	bilatérios (triploblásticos)	xenacelomorfos (incl. xenoturbélidos, acelomorfos)
clado Nephrozoa	nefrozoários	protostómios (incl. ecdisozoários: priapúlidos, quinorrincos, nemátodos, nematomorfos, loricíferos, onicóforos, tardígrados, artrópodes; espirálios: gnatostomúlidos, micrognatozoários, quetógnatos, rotíferos, acantocéfalos, sipúnculos, equiúros, ortonéctidos, rombozoários, platielmintes, gastrotríqueos, ciclióforos, anélidos, moluscos, braquiópodes, forónidos, entoproctos, briozoários, nemertinos)
superfilo Deuterostomia	deuterostómios	ambulacrários (hemicordados e equinodermes)
filo Chordata	cordados	cefalocordados
clado Olfactores	olfatores	tunicados
subfilo Vertebrata (=Craniata)	vertebrados (=craniados)	ágnatos (incl. hiperoártios e mixinos)

infrafilo Gnathostomata	gnatostomados (peixes com maxilas)	placodermes
clado Eugnathostomata	eugnatostomados	condríctios (peixes cartilagíneos)
clado Teleostomi	teleóstomos	
clado Euteleostomi (=Osteichthyes)	euteleóstomos (=osteíctios) (peixes ósseos)	actinopterígeos (peixes de barbatanas raiadas)
clado Sarcopterygii	sarcopterígios (peixes de barbatanas carnudas)	actinístios (celacantos)
clado Rhipidistia	ripidístios	dipnomorfos (dipnoicos)
clado Tetrapodomorpha		rizodôntidos, osteolepídidos
clado Eotetrapodiformes	eotetrapodiformes	tristicopterídeos
clado Elpistostegalia	elpistostegálios	panderictiídeos
clado Stegocephalia	estegocefálios	
superclasse Tetrapoda	tetrápodes	anfíbios
clado Reptiliomorpha	reptiliomorfos	diadectomorfos
clado Amniota	amniotas	sinápsidos (incl. mamíferos)
clado Sauropsida	saurópsidos	mesossaurídeos
classe Reptilia	répteis	pararrépteis
clado Eureptilia	eurrépteis	captorrinídeos
clado Romeriida	romeriídos	protorotiridídeos
clado Diapsida	diápsidos	areoscélidos
clado Neodiapsida	neodiápsidos	younginiformes
clado Sauria	sáurios	lepidossauromorfos
clado Archosauromorpha	arcossauromorfos	tanistrofeídeos
clado Crocopoda	crocópodes	
clado Archosauriformes	arcossauriformes	proterossuqídeos e eritrossuquídeos
clado Eucrocopoda	eucrocópodes	proterocâmpsios
clado Archosauria	arcossáurios	avemetatarsálios (incl. aves)
clado Pseudosuchia	pseudossúquios	ornitossuquídeos
clado Suchia	súquios	etossáurios
clado Paracrocodylomorpha	paracrocodilomorfos	popossauroides
clado Loricata	loricados	rauissuquídeos
superordem Crocodylomorpha	crocodilomorfos	
clado Crocodyliformes	crocodiliformes	protossúquios
clado Metasuchia	metassúquios	notossúquios
clado Neosuchia	neossúquios	
clado Eusuchia	eussúquios	hileocampsídeos
ordem Crocodylia	crocodílios	gavialoides
subordem ---		
infraordem ---		
parvordem ---		
clado Brevirostres	brevirrostres	crocodiloides
superfamília Alligatoroidea	aligatoroides	
família Alligatoridae	aligatorídeos	caimaníneos
subfamília Alligatorinae	aligatoríneos	†*Albertochampsa*, †*Allognathosuchus*, †*Arambourguia*, †*Ceratosuchus*, †*Chrysochampsa*, †*Eoalligator*, †*Hassiacosuchus*, †*Hispanochampsa*, †*Krabisuchus*, †*Navajosuchus*, †*Procaimanoidea*, †*Wannaganosuchus*

género *Alligator*	jacarés, aligátores, caimões	aligátor-chinês e outros †*Alligator*
espécie *Alligator mississippiensis*	jacaré-americano (=aligátor-americano, jacaré-norte-americano)	

paulo.domingos-paixao@ec.europa.eu

(1) Citado com autorização de Furtado, H., *O Grande Projeto Taxonómico*, https://ograndeprojetotaxonomico.weebly.com/#.
(2) Species 2000, *Catalogue of Life*, https://www.catalogueoflife.org/.
(3) Wikipédia, *Catalogue of Life*, https://en.wikipedia.org/wiki/Catalogue_of_Life.
(4) Wikipédia, *Nomenclature Codes*, https://en.wikipedia.org/wiki/Nomenclature_codes.
(5) Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica (ICZN), *International Code of Zoological Nomenclature*, 4.ª ed., ISBN 0 85301 006 4, https://www.iczn.org/the-code/the-international-code-of-zoological-nomenclature/the-code-online/.
(6) Associação Internacional de Taxonomia Vegetal (IAPT), *International Code of Nomenclature for algae, fungi, and plants (Shenzhen Code)*, 17.ª ed., 2018, https://www.iapt-taxon.org/nomen/main.php.
(7) Sociedade Internacional de Ciências Hortícolas (ISHS), *International Code of Nomenclature for Cultivated Plants*, 9.ª ed., 2016, ISBN 978-94-6261-116-0, https://www.ishs.org/scripta-horticulturae/international-code-nomenclature-cultivated-plants-ninth-edition.
(8) Parker, C. T. (ed.), Tindall, B. J. (ed.), Garrity, G. M. (ed.), «International Code of Nomenclature of Prokaryotes: Prokaryotic Code (2008 Revision)», Sociedade de Microbiologia, *International Journal of Systematic and Evolutionary Microbiology*, vol. 69, n.º 1A, 2019, p. S1-S111, https://doi.org/10.1099/ijsem.0.000778.
(9) Comité Internacional de Taxonomia dos Vírus (ICTV), *The International Code of Virus Classification and Nomenclature, October 2018*, https://talk.ictvonline.org/files/ictv_documents/m/gen_info/10320.
Comité Internacional de Taxonomia dos Vírus (ICTV), *The International Code of Virus Classification and Nomenclature (ICVCN), March 2021*, https://talk.ictvonline.org/information/w/ictv-information/383/ictv-code.
(10) Sociedade Internacional de Nomenclatura Filogenética (ISPN), *International Code of Phylogenetic Nomenclature (PhiloCode)*, http://phylonames.org/code/.
(11) Os eucariotas são seres com material genético organizado em cromossomas dentro do núcleo celular e reprodução por meiose- Os procariotas, pelo contrário, trocam genes por transferência lateral. Uma bactéria, no seu conjunto, pode pertencer a uma subdivisão particular de procariotas, mas apresentar um conjunto de genes proveniente de uma subdivisão diferente. Por isso, é difícil construir árvores hierárquicas filogenéticas com ramificações bem definidas.
(12) Dubois, A., «Incorporation of nomina of higher-ranked taxa into the *International Code of Zoological Nomenclature*: some basic questions», *Zootaxa*, vol. 1337, n.º 1, 2016, p. 1-37, https://www.biotaxa.org/Zootaxa/article/view/zootaxa.1337.1.1.
(13) Tedersoo, L. *et al*., «High-level classification of the Fungi and a tool for evolutionary ecological analyses», *Fungal Diversity*, n.º 90, 2018, p. 135-159, https://doi.org/10.1007/s13225-018-0401-0.
(14) Wikipédia, *Basidiomycota*, https://pt.wikipedia.org/wiki/Basidiomycota.
(15) Ihering, R. v., «Os nomes zoologicos em portuguez», *Revista do Brasil*, ano 2, vol.º 4, n.º 15, 1917, p. 282-290, Biblioteca Digital da Universidade Estadual Paulista, https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26240.
Citado por: Straube, F. C., «Rodolpho von Ihering e alguns documentos raros sobre a nomenclatura zoológica científica e popular em português do Brasil», *Atualidades Ornitológicas On-line*, n.º 137, maio-junho de 2007, p. 33-39, http://www.ao.com.br/download/ihering.pdf.
(16) Garrido, C., Riera, C, *Manual de Galego Científico*, 2.ª ed. revist. e reimpr., Através Ed., Santiago de Compostela, 2011, https://a.gal/wp-content/uploads/2018/05/Manual_de_Galego_Cientifico_.pdf.
(17) Portal da Língua Portuguesa, *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*, http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=acordo&version=1990.
(18) Mayr, E., *What Evolution Is*, Phoenix, Londres, 2002, ISBN 978075, p. 17-18.
(19) Por exemplo, uma lista mundial de espécies sob a égide da União Internacional das Ciências Biológicas (http://www.iubs.org/). Ver também: Garnett, S.T. *et al.*, «Principles for creating a single authoritative list of the world's species», *PLoS Biology*, vol. 18, n.º 7, 2020, https://doi. org/10.1371/journal.pbio.3000736.
(20) Ruggiero, M. *et al.*, «A higher level classification of all living organisms», *PLoS One*, vol. 10, n.º 4, 2015, https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4418965/pdf/pone.0119248.pdf.
(21) Zhang, Z.-Q, (ed.), «Animal biodiversity: An outline of higher-level classification and survey of taxonomic richness», *Zootaxa*, vol. 3148, n.º 1, 2011, p. 1-237, https://www.biotaxa.org/Zootaxa/issue/view/zootaxa.3148.1.
(22) Zhang, Z.-Q., «Animal biodiversity: An update of classification and diversity in 2013», *Zootaxa*, vol. 3703, n.º 1, p. 5-11, https://www.biotaxa.org/Zootaxa/article/view/zootaxa.3703.1.3.
(23) Este progenote não é a primeira forma de vida na Terra, mas o único e hipotético ser vivo que ainda tem descendentes vivos. Por outras palavras, o antepassado comum mais recente ou o organismo ancestral do qual descendem todos os seres vivos que vivem atualmente no planeta. Pode ter incluído uma população de organismos que vivia em locais e períodos diferentes. A teoria da ancestralidade comum ou monofilia de todas as formas de vida conhecidas é compatível com a possível ocorrência de transferência lateral de genes e fusão simbiótica nos primórdios da vida na Terra.

Os hominídeos, uma família recomposta e inclusiva

Paulo Correia
Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Older literature using gradistic terminology used "Pongidae" for orangutans, gorillas, and chimps, and "Hominidae" for the total-Homo group. Hence "hominids" used to be the term for the extinct stem-humans plus us. Now, however, "Hominidae" covers all the "great apes", and the total-human group is "Hominina". So "homininans" here are equivalent to "hominids" of most older texts.[1]

A classificação mais fina da superfamília Hominoidea, dos designados hominoides ou hominóideos, tem sofrido várias alterações nas últimas décadas, acompanhando a evolução do conhecimento, sobretudo na área da biologia molecular. Essa evolução tem revelado uma muito maior semelhança genética entre o homem e os (restantes) grandes símios do que era tradicionalmente suposto.

Segundo o Google Books Ngram Viewer[2] o termo *hominoïde* aparece em 1947 em publicações em francês. Segundo o Merriam-Webster, o termo *hominoid* terá sido utilizado neste sentido pela primeira vez em inglês em 1949 no sentido de superfamília de símios antropoides (incluindo o homem). Os termos hominoide e hominóideo vêm registados em alguns dicionários da língua portuguesa. Exemplo:

> **hominoides** sm pl
> ZOOL Superfamília de primatas catarrinos, sem cauda e providos de polegar oponível, que reúne os antropoides e o homem.[3]

A superfamília Hominoidea considerava-se inicialmente dividida entre as famílias Hominidae e Pongidae, dos designados hominídeos (então só o homem) e dos designados pongídeos ou antropoides (gibão, orangotango, gorila, chimpanzé).

Hominidae tem duas soluções em português consagradas em vocabulários e dicionários:

- **hominídeos** s.m.pl. (homin- + **-ídeos**, adaptação do fr. *hominidés*[4], este do lat. *homĭne-*, «homem» + gr. *-eîdos*, «forma»)
- **homínidas** s.m.pl. (homin- + **-idas**, do lat. *homĭne-*, «homem» + *-idae*, f.pl. do sufixo lat. *-idus*, *-ida*, *-idum*; palavra esdrúxula — cf. *umidae*/(h)úmidas)

> N.B.: Em ambos os casos, os termos portugueses são **masculinos**, dado tratar-se do nome de um nível taxonómico do reino animal.

Fazendo fé no Petit Robert e no Merriam-Webster, o termo *hominidé* terá aparecido na língua francesa em 1845[5] e o termo *hominid* na língua inglesa por volta de 1889[6]. O dicionário Houaiss[7] indica apenas que o termo **hominídeo** é anterior a 1958 na língua portuguesa. Uma pesquisa em Google Livros[8] revela uma ocorrência de hominídeos já em 1923 na revista *O Militante*[9]. Os vocabulários e dicionários de língua portuguesa indicam também o seu sinónimo **homínida**. O conceito começou por ser expresso em português com recurso ao termo **homínido**[10] ou ao seu sinónimo **hominiano**. *Homínido*[11] continua a ser o termo utilizado em espanhol.

Entretanto, as famílias hominoides foram-se recompondo, desaparecendo uma (pongídeos), aparecendo outra (hilobatídeos) e surgindo novos subníveis e novos termos em que o elemento de formação **homin(i)-**, que fora exclusivo do homem, passou a ser partilhado com (outros) grandes símios. Esta evolução terminológica recente não é fácil de acompanhar na Internet, onde se misturam textos de referência e de divulgação mais antigos com mais recentes, e onde o termo **hominídeo** ou homínida é utilizado quer para referir exclusivamente o homem quer para referir o homem e outros grandes símios. Nos dicionários de língua portuguesa — e de outras línguas e ainda na base IATE[12]

— o termo hominídeo ou homínida é ainda utilizado para o conceito de mamíferos primatas do género *Homo*. Exemplo:

> **Hominídeos** nome masculino plural
> ZOOLOGIA família de mamíferos primatas que inclui a espécie humana e os seus ancestrais fósseis (e, em algumas classificações, também os Pongídeos)(13)

O homem — de hominídeo a hominiano

A família dos **hominídeos**, que correspondia apenas ao homem (género *Homo*) e aos seus antepassados, é agora uma família recomposta que engloba também chimpanzés (género *Pan*), gorilas (género *Gorilla*) e orangotangos (género *Pongo*), vindos da entretanto obsoleta família dos pongídeos. Os gibões foram integrados na nova família dos hilobatídeos.

A aparente vontade de manter uma classificação exclusiva para o homem levou à utilização sucessiva de três novos subníveis (subfamília, tribo e subtribo), sempre batizados com recurso ao elemento de formação homin(i)- e usando sucessivamente, em conformidade com o *Código Internacional de Nomenclatura Zoológica*(14), os plurais feminino (-*inae*), masculino (-*ini*) e neutro (-*ina*) do mesmo sufixo latino (-*inus*, -*ina*, -*inum*, o qual, na formação de derivados de nomes, exprime uma ideia de relação). A saber:

subfamília:	**Homininae**	homin- + **-inae** (f.pl.)
tribo:	**Hominini**	homin- + **-ini** (m.pl.)
subtribo:	**Hominina**	homin- + **-ina** (n.pl.)

O homem passou primeiro a compor a subfamília Homininae, inicialmente exclusiva, mas à qual mais tarde se juntaram os ex-pongíneos chimpanzés e gorilas — grandes símios antropoides africanos. Criou-se então a tribo Hominini, exclusiva para o homem. Porém, a mesma foi logo alargada ao chimpanzé (ex-gorilino). Neste momento, o homem forma, finalmente isolado, a subtribo Hominina, para ele exclusivamente criada.

O desafio para as diferentes línguas é criar nomes e adjetivos por meio do **radical** homin- e de uma **sufixação** coerente e individualizada para estes três novos subníveis, permitindo distingui-los. O registo dos termos comuns nos dicionários gerais das diferentes línguas está mais avançado nos inglesamentos, chegando já ao nível da tribo, e nos afrancesamentos, chegando ao nível das subfamílias. Os dicionários portugueses registam termos apenas até ao nível da família. Este atraso de dicionarização refletirá, provavelmente, uma deficiência na produção de textos de divulgação científica em língua portuguesa.

Com base no latim e nos afrancesamentos e inglesamentos existentes apresentam-se, em seguida, propostas de termos paracientíficos em português.

1) Homin**inae**

Há duas possíveis soluções em português (cf. fr: *homininés*(15) e en: *hominines*(16)(17)):

- **hominíneos** s.m.pl. (homin- + **-íneos**, «semelhança», «relação»; adaptação do fr. *homininés*)
- **homininas** s.m.pl. (homin- + **-inas**, do lat. *homĭne-*, «homem» + *-inae*, f.pl. do sufixo lat. *-inus*, *-ina*, *-inum*; palavra grave — cf. *divinae*/divinas, *genuinae*/genuínas, *leoninae*/leoninas)

Os sufixos -ídeos e -íneos têm longa tradição nos textos técnicos em língua portuguesa para a designação de famílias e subfamílias. Exemplo:

> O "*Lexico de Termos technicos e scientificos ainda não apontados nos diccionarios da lingua portugueza*", organizado por *Aff. d'E. Taunay* e publicado no Annuario da Escola Polytechnica de S.Paulo, 1909, pags 1 a 154 registra apenas os vocabulos zoologicos recem-formados, de sorte que

> quasi todos são desconhecidos ao leigo. Muito folgamos em constatar que o autor adopta, como nós, as desinencias *ideos* e *ineos* como equivalentes a *idae* e *inae* do latim, quando applicados a vocabulos de zoologia; os mesmos suffixos, no feminino, foram reservados para os nomes botanicos.[18]

A variante **hominíneos** coincide com as convenções registadas no *Manual de Galego Científico*[19] para os nomes paracientíficos de subfamílias de animais:

> **-íneo(s)** (cf. cast. -ino(s)): Sufixo taxonómico que permite formar os nomes paracientíficos de subfamílias de animais, correspondendo à terminaçom -inae dos nomes científicos. Os seguintes exemplos correspondem a subfamílias das famílias Acridídeos (= Acrididae) e Escarabeídeos (= Scarabaeidae): Cetoniíneos (= Cetoniinae), Cirtacantacridíneos (= Cyrtacanthacridinae), Dinastíneos (= Dynastinae), Escarabeíneos ou Copríneos (= Scarabaeinae, Coprinae), Gonfoceríneos (= Gomphocerinae), Locustíneos ou Edipodíneos (= Locustinae, Oedipodinae), Rutelíneos (= Rutelinae), etc.

A outra subfamília hominídea: pongíneos (ou ponginas), incluindo, atualmente, os orangotangos.

2) Homin**ini**

Há uma possível solução em português (cf. en: *hominins*[20][21]):

- **homininos** s.m.pl. (homin- + **-inos**, do lat. *homĭne-*, «homem» + *-ini*, m.pl. do sufixo lat. *-inus*, *-ina*, *-inum*; palavra grave — cf. *divini*/divinos, *genuini*/genuínos, *leonini*/leoninos»; adaptação do ing. *hominins*)

A terminação -ino em homininos (Hominini) é coerente com a terminação dos termos catarrinos (da parvordem Catarrhini) e haplorrinos (da subordem Haplorhini) e com as convenções do *Manual de Galego Científico*. para os nomes paracientíficos de tribos de animais:

> **-ino(s)**: Sufixo taxonómico que permite formar os nomes paracientíficos de tribos de animais (correspondendo à terminaçom -ini dos nomes científicos): Paninos (nome científico: Panini), etc.

A outra tribo hominídea: gorilinos.

3) Homin**ina**

Há possíveis soluções em português:

- **hominianos** s.m.pl. (homin- + **-ianos**, «autoria», «relação»; adaptação do ing. *hominians*)
- **hominos** s.m.pl. (homin- + -**os**; adaptação do ing. *homins*)
- **homininas** s.m.pl. (homin- + **-inas**, do lat. *homĭne-*, «homem» + *-ina*, n.pl. do sufixo lat. *-inus*, *-ina*, *-inum*; palavra grave)

Este subnível é de nomeação mais recente, não estando ainda registados inglesamentos nos dicionários gerais de língua inglesa. Nos textos em inglês da especialidade surgem várias soluções concorrentes, com recurso a diferentes sufixos (*-ian* ou *-an*), a um novo radical (*hominin-*) ou simplesmente à ausência de sufixo:

> *hominians*[22] — homin- + -ians
> *hominans*[23] — homin- + -ans
> *homininians*[24] — hominin- + -ians
> *homininans*[25] — hominin- + -ans
> *homins*[26] — homin- + -s (cf. *hominins*, da tribo Hominini)

Em português, a solução **hominianos** tem a (des)vantagem de aparecer em dicionários do início do século XX[27] como sinónimo de hominídeos, no sentido que do era então uma família, mas que é agora o de uma subtribo. A solução **hominos**, resultante de aportuguesamento sem sufixo, tem a vantagem

de ser curta. Essa vantagem pode tornar-se um inconveniente se adotada para designar outras subtribos que têm um radical mais curto (exemplo: panos, bovos, apos).

A possível solução **homininas** obtém-se por simples junção de um «s» ao plural neolatino Hominina ou por considerar que, sendo -ina um sufixo neutro em latim, em princípio passaria a feminino em português — -inas —, embora o género do termo seja masculino, dado tratar-se do nome de nível taxonómico do reino animal. Como nome paracientífico de subtribo, homininas pode prestar-se a confusões por ser homógrafa e homófona da variante homininas, criada a partir do latim plural feminino *homininae*, do nome da subfamília (exemplo: espécies homininas) ou com homininas, adjetivo feminino plural da tribo dos hominínos (exemplo: espécies homininas).

Outras subtribos homininas: panianos.

O chimpanzé — de pongídeo a hominino

Os **pongídeos** foram, entretanto, repartidos entre hilobatídeos (ou hilobátidas) e hominídeos, dissolvendo-se a família Pongidae[28]. Numa primeira fase, os homínidas ex-pongídeos agruparam-se na grande subfamília Ponginae, dos **pongíneos** ou pônginas (orangotangos, gorilas e chimpanzé), mas rapidamente gorilas e chimpanzés passaram, como tribo Gorillini, dos gorilinos, para a subfamília dos homininéos. Finalmente, os gorilinos perderam o chimpanzé, que se mudou para junto do homem para a tribo Hominini, dos **homininos**, e formando a subtribo Panina, dos **panianos**.

Enquanto a classificação do chimpanzé evoluiu de pongídeo a hominino, a do gorila ficou-se por homininéo e o orangotango por hominídeo.

Em resumo…

A superfamília Hominoidea, dos **hominoides**, divide-se agora entre as famílias Hylobatidae e Hominidae, dos **hilobatídeos** (gibões) e dos **hominídeos** (acolhendo orangotangos, gorilas, chimpanzés e, claro, homens). Quanto aos hominídeos, subdividem-se entre as subfamílias Ponginae e Homininae, dos **pongíneos** (limitados aos orangotangos) e dos **homininéos** (gorilas, chimpanzés e homens). Os homininéos subdividem-se por sua vez entre as tribos Gorillini e Hominini, dos **gorilinos** (gorilas) e dos **homininos** (chimpanzés e homens). Os homininos são compostos pelas subtribos Panina e Hominina, dos **panianos** (chimpanzés) e dos **hominianos** (homens) — correspondente aos hominídeos das primeiras classificações.

Os **sufixos** acima selecionados para esta terminologia paracientífica em português dos subníveis da superfamília do homem podem ser controlados aplicando-os, por exemplo, aos subníveis da superfamília do boi:

		pt	**Homin-**		**Bov-**	
superfamília	-oidea	-oides	Hominoidea	**hominoides**	Bovoidea	**bovoides**
família	-idae	-ídeos	Hominidae	**hominídeos**	Bovidae	**bovídeos**[29]
subfamília	-inae	-íneos	Homininae	**homininéos**	Bovinae	**bovíneos**
tribo	-ini	-inos	Hominini	**homininos**	Bovini	**bovinos**
subtribo	-ina	-ianos	Hominina	**hominianos**	Bovina	**bovianos**

Em alternativa, e para melhor distinguir o antes e o depois, poderia privilegiar-se a variante **homínidas** para designar a família alargada e a variante hominídeos para designar a antiga família exclusiva do homem.

Em anexo apresenta-se quadro com o estado atual da classificação dos hominoides, com indicação dos nomes comuns em português, inglês e francês e das fichas IATE correspondentes, quando existem.

correiapms@gmail.com

Subníveis da superfamília hominoide

<table>
<tr><th></th><th>gibões</th><th>orangotangos</th><th>gorilas</th><th>chimpanzés</th><th>homens</th></tr>
<tr><td>superfamília</td><td colspan="5">Hominoidea

hominoides
(en: hominoids)
(fr: hominoïdes)

IATE: 1526097</td></tr>
<tr><td>família</td><td rowspan="4">Hylobatidae

hilobatídeos
(en: hylobatids)
(fr: hylobatidés)

IATE: 876845</td><td colspan="4">Hominidae

hominídeos
(en: hominids)
(fr: hominidés)

IATE: 1526093</td></tr>
<tr><td>subfamília</td><td>Ponginae

pongíneos
(en: ponginines)
(fr: ponginés)

IATE: 876846</td><td colspan="3">Homininae

homininéos
(en: hominines)
(fr: homininés)

IATE: 1526094</td></tr>
<tr><td>tribo</td><td rowspan="2">Pongini

ponginos</td><td rowspan="2">Gorillini

gorilinos</td><td colspan="2">Hominini

homininos
(en: hominins)

IATE: 2102333</td></tr>
<tr><td>subtribo</td><td>Panina

panianos</td><td>Hominina

hominianos
(en: hominians; etc.)</td></tr>
</table>

---

(1) Holtz Jr, T. R., «The Scatterlings of Africa: The Origins of Humanity», *GEOL 204 Dinosaurs, Early Humans, Ancestors & Evolution: The Fossil Record of Vanished Worlds of the Prehistoric Past*, 2021, Faculdade de Geologia da Universidade de Maryland, https://www.geol.umd.edu/~tholtz/G204/lectures/204scatterlings.html.
(2) Google Books Ngram Viewer, https://books.google.com/ngrams.
(3) Michaelis, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa: Hominoide*, https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/hominoide/.
(4) Cf. bovídeo no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de José Pedro Machado, 3.ª ed., 1977.
(5) «HOMINIDÉS (…).
n. m. pl. (1845; du lat. *homo, hominis* « homme », et suff. zoo. *-idés*). *Zool*. Famille de primates qui comprend le genre *Homo*, avec une seule espèce vivante, *Homo sapiens* (l'homme actuel) et plusieurs groupes fossiles (pithécanthrope, homme de Néandertal). Au sing. *Un hominidé*.»
Le Petit Robert : Dictionnaire de langue française, 1991.
(6) «hominid noun (…)
plural hominids (…):
any of a family (Hominidae) of erect bipedal primate mammals that includes recent humans together with extinct ancestral and related forms and in some recent classifications the great apes (the orangutan, gorilla, chimpanzee, and bonobo) (…)
First Known Use of hominid
Noun
circa 1889, in the meaning defined above»
Merriam-Webster Dictionary: Hominid, https://www.merriam-webster.com/dictionary/hominids.
(7) Houaiss, A. (dir.), Villar, M. de S., Franco, F. M. de M., *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 3 vol., Temas e Debates, Lisboa, 2003, ISBN 972-759-664-9, vol. II (D-Mer).
(8) Google Livros, https://books.google.com.br/.
(9) *O Militante*, ed. 244-249, 1923, Avante, https://books.google.pt/books?id=wnAFAQAAIAAJ.
(10) «Hominído, *adj*.
Semelhante ao homem, (falando-se de mammíferos). *M. pl.* Família de mammíferos primatas que tem por typo o homem (Do lat. *homo* + gr. *eidos*).»
Figueiredo, C. de, *Novo Diccionário da Língua Portuguesa*, 3.ª ed. corr. e ampl., [1912?]

[11] «homínido, da
1. adj. *Antrop. y Zool*. Dicho de un primate: Que se caracteriza por su aspecto antropomorfo y por no tener cola, y a cuya familia pertenecen el hombre y otras especies como el chimpancé, el gorila y el orangután. U. t. c. s. m., en pl. como taxón.»
Real Academia Española, *Diccionario de la lengua española: homínido*, https://dle.rae.es/hom%C3%ADnido?m=form.
[12] IATE: European Union Terminology, https://iate.europa.eu/home.
[13] Porto Editora, *Infopédia - Língua Portuguesa: Hominídeos*,
https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Homin%C3%ADdeos.
[14] «Chapter 7: Formation and treatment of names (...) Article 29. Family-group names
(...) 29.2. Suffixes for family-group names
The suffix -OIDEA is used for a superfamily name, -IDAE for a family name, -INAE for a subfamily name, -INI for the name of a tribe, and -INA for the name of a subtribe. These suffixes must not be used at other family-group ranks. The suffixes of names for taxa at other ranks in the family-group are not regulated.»,
International Commission on Zoological Nomenclature, *The International Code of Zoological Nomenclature*, 4.ª ed., ISBN 0 85301 006 4, https://www.iczn.org/the-code/the-international-code-of-zoological-nomenclature/the-code-online/.
[15] *Le Robert : Dico en ligne: Homininé*, https://dictionnaire.lerobert.com/definition/hominine.
[16] *Merriam-Webster Dictionary: Hominine*, https://www.merriam-webster.com/medical/hominine.
[17] *Dicionário Collins: Hominine*, https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/hominine.
[18] Straube, F. C., «Rodolpho von Ihering e alguns documentos raros sobre a nomenclatura zoológica científica e popular em português do Brasil», *Atualidades Ornitológicas On-line*, n.º 137, maio-junho de 2007, p. 33-39,
http://www.ao.com.br/download/ihering.pdf.
[19] Garrido, C., Riera, C, *Manual de Galego Científico*, 2.ª ed. rev. e reimpr., Através Ed., Santiago de Compostela, 2011,
https://a.gal/wp-content/uploads/2018/05/Manual_de_Galego_Cientifico_.pdf.
[20] *Merriam-Webster Dictionary: Hominins*, https://www.merriam-webster.com/dictionary/hominins.
[21] *Dicionário Collins: Hominin*, https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/hominin.
[22] «(...) Subtribe Hominina (hominians)»,
Wood, B., Constantino P, «Human Origins: Life at the Top of the Tree», Cracraft, J. (ed.), Donoghue, M. J. (ed.), *Assembling the Tree of Life*, Oxford University Press, Oxford, 2004, p. 517-535,
https://books.google.pt/books?id=6lXTP0YU6_kC.
[23] «(...) Subtribe Hominina ('hominans')»,
Gibbs, S., Collard, M., Wood, B., «Soft-tissue anatomy of the extant hominoids: a review and phylogenetic analysis», *Journal of Anatomy*, vol. 200, n.º 1, 2002, p. 3-49, https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1570881/.
«(...) Subtribe Hominina ('hominans')»,
Wood, B., Richmond, B. G., «Human evolution: taxonomy and paleobiology», *Journal of Anatomy*, vol. 197, p. 19-60, 2000, https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1468107/.
[24] «(...) Australopithecus is a group within australopithecines. Specifically, australopithecines belong to the subtribe Australopithecina, also known as Hominina, within the hominid family. Australopithecines can also be known as homininians.»,
Study.com, «Are Australopithecus and australopithecines the same?»,
https://study.com/academy/answer/are-australopithecus-and-australopithecines-the-same.html.
[25] «(...) Some of the researchers who opt for the former, more inclusive, solution use the tribe Hominini for both the chimpanzee/bonobo and the human clades and treat the human clade as a subtribe, the Hominina (so individuals and taxa within it are referred to as "**homininans**").»,
Wood, B., «Reconstructing human evolution: Achievements, challenges, and opportunities», Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America (PNAS), n.º 107, supl. 2, 2010, p. 8902-8909,
https://www.pnas.org/content/107/Supplement_2/8902.
[26] «(...) Subtribe Hominina (informally "**homins**")»,
Hunt, K. D., «Early Hominins», Muehlenbein, M. P. (ed.), *Basics in Human Evolution*, Academic Press, p. 113-128, 2015, ISBN 978-0-12-802652-6, https://doi.org/10.1016/C2014-0-02208-3.
[27] Figueiredo, C. de, *Novo Diccionário da Língua Portuguesa*, 3.ª ed. corr. e ampl., [1912?]
[28] IATE: European Union Terminology, ficha 876846: *Ponginae* (termo obsoleto),
https://iate.europa.eu/entry/result/876846.
[29] Figueiredo, C. de, *Novo Diccionário da Língua Portuguesa*, 1.ª ed., Lisboa, 1899.

O que oculta o texto original: um exemplo botânico d'*A Ilha Misteriosa* de Júlio Verne

Miguel Á. Navarrete
Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia
Centre de recherche Tradital — Université libre de Bruxelles

[versão traduzida[1] e adaptada[2] para o português do artigo «Lo que oculta el texto original: un ejemplo botánico de *La isla misteriosa* de Jules Verne», publicado no n.º 14 de *1611 — Revista de Historia de la Traducción*[3]]

Introdução

Nas páginas que se seguem vou abordar um problema textual suscitado n'*A Ilha Misteriosa*, de Júlio Verne (romance publicado em francês em 1874-1875). É meu propósito apresentar uma solução para um termo que parece estar oculto sob outra aparência e que continua por resolver, muitos anos depois de esse romance ter sido traduzido pela primeira vez; por conseguinte, sob uma perspectiva histórica, exporei como abordaram essa questão diversos tradutores d'*A Ilha Misteriosa*. Devo acrescentar que este artigo é uma ampliação de um trabalho anterior, «*Crejimba*: trois clefs pour un arc et sa corde», publicado em maio de 2020 no *Bulletin de la Société Jules Verne* de Paris[4].

Embora a minha análise se centre nesse ponto d'*A Ilha Misteriosa*, o raciocínio geral que a motiva e a suporta é fruto das minhas investigações sobre as numerosas dificuldades de tradução de outras obras de Verne, como *Vinte Mil Léguas Submarinas*[5] ou o breve, se bem que intrincado, conto *Frritt-Flacc*[6], assim como da investigação que atualmente empreendo sobre *A Ilha Misteriosa*.

Apesar de conhecido, insistamos num dos fundamentos de todo o trabalho de tradução, independentemente do tipo de texto de que se trate: a necessidade de suspeitar, de duvidar, de pôr em causa a qualidade de um original, por muito clássico; conforme demonstram o estudo dos textos clássicos e o labor de séculos dos filólogos, é precisamente perante esses textos que o tradutor mais deve questionar determinadas leituras do original.

Falar de «leituras» leva-me a esclarecer que, por qualidade de um original, me refiro concretamente, no caso que vou analisar, não à qualidade estética ou literária de qualquer texto, mas sim à qualidade da sua redação (que não tem necessariamente de se ater à norma da língua) e à sua qualidade física, ou seja, ao aspeto exterior da ordenação dos seus significantes, a tudo aquilo que poderá interessar à crítica textual e, portanto, aos seus aspetos ecdóticos. Nesse sentido, é preciso mencionar como pontos de interesse para a investigação: a composição gráfica (manuscrito do autor), a composição tipográfica (resultado do trabalho conjunto entre a editorial e a tipografia, no caso de a obra ter sido impressa) e o subsequente estabelecimento ou fixação do texto, o estudo prévio das diversas leituras (se for caso disso), o cotejo das variantes e o estudo do manuscrito ou manuscritos.

Para citar apenas alguns problemas, refiro-me a possíveis omissões, repetições involuntárias e insidiosas, gralhas, erros ou incoerências que sobrevivem a todas as fases de correção e releitura, e também a importantes discrepâncias entre diversas edições ou reimpressões da mesma obra, inclusive muito próximas no tempo. Tudo isto dificulta o trabalho de tradução, designadamente quando o tradutor não suspeita que pode encontrar-se perante uma dessas dificuldades ou, ainda que o suspeite, não tem acesso aos recursos necessários para levar a cabo uma investigação correta. O tradutor pode ver-se obrigado a claudicar, reproduzindo acriticamente um termo não avalizado por nenhuma fonte ou então uma expressão que é incapaz de decifrar.

Quanto ao termo «clássico», aplico-o à obra de alguém a quem não hesito chamar clássico moderno: Júlio Verne (1828-1905); e não pelo mero dado estatístico que se desprende do cômputo das suas publicações, mas sim porque considero que reúne os critérios que se podem exigir a qualquer clássico: qualidade literária, permanência no tempo e difusão geográfica universal (graças, evidentemente, à

tradução); a isto se poderia acrescentar que a sua obra despertou ou alimentou numerosas vocações de escritor.

Importa, igualmente, assinalar que o problema da fixação do texto original é recorrente em toda a obra do prolífico Verne, e isso por variadíssimas razões, intimamente relacionadas com a maneira de trabalhar do autor e com o contexto histórico da sua criação literária e da produção editorial da sua obra.(7)

A Ilha Misteriosa *no âmbito das «Viagens Maravilhosas»*(8) *de Júlio Verne: obra e tradução*

Muitos estudiosos consideram que *A Ilha Misteriosa* constitui o fecho com que se encerra o primeiro período, o mais brilhante, de Júlio Verne como romancista (também foi autor de contos, teatro e poesia).

Esse primeiro período tinha começado com a finalização de *Cinco Semanas em Balão*(9), posto à venta no início de 1863 pelo editor, Pierre-Jules Hetzel (1814-1886). Nos seus doze ou treze primeiros anos de trabalho literário com o selo Hetzel, Verne deixou-nos algumas obras que passaram para o imaginário de inúmeros leitores: *Viagem ao Centro da Terra*(10) (1864), *Aventuras do Capitão Hatteras*(11) (1864-1865), *Da Terra à Lua*(12) (1865) ou *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias*(13) (1872-1873).

São também os anos da grande trilogia em oito volumes que compõem *Os Filhos do Capitão Grant*(14) (1865-1867), *Vinte Mil Léguas Submarinas*(15) (1869-1870) e *A Ilha Misteriosa*(16) (1874-1875). Acrescente-se que é mais do que duvidoso que Verne e o editor Hetzel tivessem desde o início um plano claro de converter em trilogia estes três romances; disso dão fé, precisamente, as incoerências cronológicas d*'A Ilha Misteriosa* em relação às outras duas obras, o que fez com que o editor se visse obrigado a publicar notas explicativas de rodapé neste romance, sobre as quais o leitor acaba, habitualmente, por passar um espesso véu. Como se verá adiante, na génese d*'A Ilha Misteriosa* encontra-se um projeto inacabado de Júlio Verne: *O Tio Robinson*(17) (obra que Hetzel rejeitou na altura e que permaneceu inédita até 1991).



Fig. 1: Ilustração no verso do anterrosto da edição d'*A Ilha Misteriosa* num só volume, de Hetzel

Como ocorreria com outros romances seus a partir de 1864, ano no qual aparece o primeiro número do *Magasin d'Éducation et de Récréation* (*MER*) de Hetzel, *A Ilha Misteriosa* foi originalmente publicada em francês nesta revista, sob a forma de folhetim quinzenal. A publicação do romance

nesse formato, e com ilustrações, começou a 1 de janeiro de 1874 e terminou a 15 de dezembro de 1875[18].

Da edição da obra na coleção La Pléiade[19] constam as datas de publicação das três partes da obra, como livros em formato pequeno (in-18.º[20], segundo a nomenclatura francesa), separadamente e sem ilustrações: «I. Os náufragos do ar» (vinte e dois capítulos, publicada a 10 de setembro de 1874); «II. O abandonado»[21] (vinte capítulos, publicada a 12 de abril de 1875); e «III. O segredo da ilha» (vinte capítulos, publicada a 28 de outubro de 1875). Por último, a grande edição in-oitavo[22], com as fascinantes 154 ilustrações de Jules Férat (1829-1906), gravadas por Charles Barbant (1844-1921), foi publicada a 22 de novembro de 1875.

As versões do romance em português, à semelhança de outras obras de Verne (naturalmente batizado Júlio» em Portugal, como tantos leitores o conhecemos), não se fariam esperar. A primeira edição em livro, em língua portuguesa parece ter aparecido logo em 1876, no Rio de Janeiro, editada pelo livreiro Garnier[23] com tradução de Fortúnio. Em Portugal, a primeira edição d'*A Ilha Mysteriosa* foi da responsabilidade da Casa Editora David Corazzi[24] e, mais tarde, da sua sucessora A Editora Limitada[25], com tradução de Henrique de Macedo[26], figura de relevo da Monarquia Constitucional.

A consulta do catálogo da Biblioteca Nacional[27], do Rio de Janeiro, oferece um panorama das diferentes reedições da obra no Brasil. Em Portugal, são numerosíssimas as reedições do romance (quer como reimpressões quer como novas traduções, e mesmo como adaptações), como se pode verificar no catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal[28]. Outros tradutores e editores foram José Valente Pires (adaptação), para o Círculo de Leitores[29], José Lima da Costa, para Livros do Brasil[30] e Círculo de Leitores[31], e Torquato Fernandes, para a Europa-América[32]. Mas é a tradução de Henrique de Macedo d'*A Ilha Misteriosa*, que, com as devidas adaptações ortográficas, mais vezes tem sido reeditada, do século XIX ao século XXI, da coleção «Viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos» à coleção «Planeta Verne», da Livraria Bertrand[33] ao jornal *Público*[34].

Uma lista de edições d'*A Ilha Misteriosa* em Espanha pode ser consultada na versão original deste artigo, publicada no n.º 14 de *1611 — Revista de Historia de la Traducción*.



Fig. 2: Ilustração de capa para a coleção Livros de Bolso da editora Europa-América

O argumento d'*A Ilha Misteriosa* é simples: trata-se de uma *robinsonada* que poderia denominar-se coletiva, como a d'*O Robinson Suíço*[35] de J. D. Wyss (1743-1818), obra que Verne admirou durante toda a sua vida, depois do fascínio da primeira leitura.[36] No início do romance, devido a um terrível

furacão quase no final da Guerra de Secessão dos Estados Unidos (1861-1865), cinco fugitivos nortistas e um cão caem de um balão, quais «náufragos aéreos», numa ilha deserta do oceano Pacífico, à qual dão o nome de ilha de Lincoln. Os personagens, que ao princípio contam só com os seus próprios engenho e força física, conseguem criar na ilha um espaço habitável e prosperam, sob a liderança de um deles, que é engenheiro. Juntos viverão uma série de aventuras e testemunharão fenómenos inexplicáveis racionalmente — daí o «mistério» do título —, os quais contribuem, em geral, para melhorar as suas precárias condições de vida iniciais. No final do romance, alguns fios que tinham ficado soltos n'*Os Filhos do Capitão Grant* e em *Vinte Mil Léguas Submarinas* acabarão por se atar, com o que Verne põe o ponto final na sua trilogia.

Situada, pois, *A Ilha Misteriosa* no seu contexto, passo a analisar o problema textual que justifica este artigo, para o que me permito um «desvio» momentâneo para outro romance de Verne, *A Jangada*(37).

A **crejimba***: espécie botânica endémica da ilha de Lincoln?*

Quase no princípio d'*A Jangada*, romance de ambiente brasileiro, escreve Júlio Verne:

> *En effet, il en est de ces langages chiffrés comme des serrures des coffres-forts modernes : ils se défendent de la même façon. Les combinaisons qu'ils présentent se comptent par milliards, et la vie d'un calculateur ne suffirait pas à les énoncer. Il faut le « mot » pour ouvrir le coffre de sûreté ; il faut le « chiffre » pour lire un cryptogramme de ce genre. Aussi, on le verra, celui-ci devait résister aux tentatives les plus ingénieuses, et cela, dans des circonstances de la plus haute gravité.*
>
> [Com effeito ha escriptas em cifra identicas ás fechaduras das *burras* modernas: defendem-se da mesma maneira. As combinações que apresentam contam-se aos milhares [*sic*] e não bastaria a vida inteira de um calculador para as enunciar. Sem a *chave do segredo* não se poderá abrir o cofre de segurança; sem a *cifra* não se poderá ler um criptogramma d'este genero. Havemos de ver que este devia resistir ás mais engenhosas tentativas e em circumstancias da mais elevada gravidade.](38)

Em circunstâncias de gravidade menor do que as que servem de argumento a Júlio Verne, este parágrafo bem conhecido do princípio d'*A Jangada* convém perfeitamente ao propósito deste artigo, sobretudo porque, como adiante se verá, embora longe do oceano Pacífico d'*A Ilha Misteriosa*, o Brasil também desempenhará um papel importante na minha argumentação.
Como se se tratasse de um criptograma, vou proceder metodicamente, com o objetivo de decifrar a palavra *crejimba*, atestada somente n'*A Ilha Misteriosa* de Verne, que a utiliza em duas passagens distintas, uma no contexto da fabricação de arcos e flechas pelos colonos da ilha de Lincoln e outra no da construção de uma piroga(39):

> *Chemin faisant, Harbert avait découvert un arbre dont les Indiens d'Amérique méridionale emploient les branches à fabriquer leurs arcs. C'était le « crejimba », de la famille des palmiers, qui ne porte pas de fruits comestibles. Des branches longues et droites furent coupées, effeuillées, taillées, plus fortes en leur milieu, plus faibles à leurs extrémités, et il n'y avait plus qu'à trouver une plante propre à former la corde d'arc.*
>
> [No seu deambular, Harbert encontrara uma árvore cujos ramos os índios da América do Sul utilizam para fabricar arcos. Tratava-se da «crejimba», da família das palmáceas, que não dá frutos comestíveis. Cortaram ramadas longas e retas, limparam-nas da folhagem e talharam-nas, mais grossas no centro e afiladas nas extremidades, já só restando encontrar uma planta que servisse para formar a corda do arco.]
>
> *Le 29 octobre, le canot d'écorce était entièrement achevé. Pencroff avait tenu sa promesse, et une sorte de pirogue, dont la coque était membrée au moyen de baguettes flexibles de crejimba, avait été construite en cinq jours.*
>
> [A 29 de outubro, o bote de casca de árvore estava pronto. Pencroff cumprira a promessa, construindo em cinco dias uma espécie de piroga cujo casco era estruturado com varas flexíveis de crejimba.]

A primeira chave: sinónimos?

Se analisarmos as edições francesas mais recentes d'*A Ilha Misteriosa*, a de Jacques Noiray (2010), por exemplo, não inclui nenhum comentário sobre a palavra *crejimba;* na de La Pléiade, Marie-Hélène Huet[(40)] indica que o termo não figura nos dicionários da época, mas cita um trecho d'*O Tio Robinson* que contém essa palavra e que será muito útil nesta operação[(41)]:

> *Fort heureusement, Harry Clifton trouva au milieu d'un bouquet de cocotiers une certaine espèce connue sous le nom d'airi ou de crejimba, dont le bois sert à fabriquer les meilleurs arcs des Indiens d'Amérique méridionale.*
>
> [Por muita sorte, Harry Clifton encontrou no meio de uma mata de coqueiros uma certa espécie conhecida pelo nome de airi ou crejimba, cuja madeira serve para fabricar os melhores arcos dos índios da América meridional.][(42)]

Da leitura desta citação pode-se deduzir a primeira chave para a solução do enigma: segundo Verne, *airi* e *crejimba* são sinónimos. Por conseguinte, torna-se muito interessante ler o final da nota de La Pléiade acerca do «aïri» [*sic*][(43)]:

> (...) recensé par Ferdinand Denis dans *Histoire géographique du Brésil* (Paris, Bellemain, 1834, p. 64) : « le coco de Aïri Assù ou le grand palmier aïri, fournit un bois propre à fabriquer des arcs ».
>
> [Ferdinand Denis menciona-o na *Histoire géographique du Brésil* (Bellemain, Paris, 1834, p. 64): «a madeira do coqueiro airiaçu ou grande palmeira airi é boa para fabricar arcos».][(44)]

Quanto às traduções d'*A Ilha Misteriosa* para outras línguas, em 2001 o investigador e tradutor William Butcher sublinhara já nas suas notas a falta de referências lexicográficas acerca do termo *crejimba*, quer em francês quer em inglês, e também citara a passagem d'*O Tio Robinson* que acabo de mencionar[(45)].

A pista brasileira desta operação de decifração confirma-se graças à referência de W. Butcher ao viajante e escritor francês Jean de Léry (1536?-1613?): «*Airi*, uma árvore espinhosa e seu fruto»[(46)]. Na grafia original, são estas as frases que Jean de Léry dedicou ao *airi* no seu livro *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique*[(47)], já mencionado por W. Butcher:

> Vn autre arbre que les Sauuages appelent Aïri, lequel, bien qu'il ait les fueilles cõme le Palmier, qu'il soit garni tout à lentour d'eſpines, aussi deſliees & picquantes qu'eſguilles, qu'il porte auſsi vn fruit de moyenne groſſeur dans lequel ſe trouue vn noyau blanc comme neige, qui toutes fois n'eſt pas bon à mãger, eſt neãtmoins à mon aduis vne eſpece d'hebene : car outre ce qu'il eſt noir, & que les Sauuages à cauſe de ſa durté en font leurs eſpees & maſſues de bois ; voire vne partie de leurs fleſches (...).
>
> [Outra árvore existe, de nome *airi* a qual tem as fôlhas como as da palmeira, o caule cravejado de espinhos penetrantes como agulhas e dá frutos de tamanho médio que contêm um caroço não comestível e branco como neve. No meu entender, essa árvore é uma espécie de ébano, pois além de ser preta e servir aos selvagens para a fabricação de clavas e pontas de flexas [*sic*] (...).][(48)]

Crejimba *nas traduções*

A respeito das citações d'*A Ilha Misteriosa* atrás referidas, as versões portuguesas mencionadas e consultadas reproduzem o presumível empréstimo *crejimba*, tratado ora como masculino ora como feminino ora sem indicação de género gramatical, em redondo, em itálico ou entre aspas (essas sim sempre angulares, como em francês). Na adaptação consultada, o termo é omitido[(49)].

Há a destacar, porém, a gralha *crejimbs* (para o plural *crejimbas*) surgida logo na tradução portuguesa original de Henrique de Macedo, no século XIX.

> [Harbert, ao passo que caminhava, descobriu umas arvores de que os indios da America meridional empregam ramos para fabricar arcos. Eram «crejimbs», da familia das palmeiras, que não dão fructos comiveis. Cortaram os ramos mais compridos e direitos, tiraram-lhes as folhas e talharam-os mais grossos ao meio e mais finos nas extremidades. Faltava só achar uma planta propria para fazer a corda do arco. (…)
> No dia 29 de outubro estava inteiramente acabado o bote de cortiça. Pencroff cumprira o que promettera e dera prompta em cinco dias uma especie de piroga com o casco cavernado por meio de varas flexiveis de crejimba.][(50)]

A gralha *crejimbs* manter-se-á nas posteriores revisões e reedições da tradução de Henrique de Macedo nos séculos XX e XXI, parecendo provar que palavras inventadas, não podendo ser conferidas com a realidade, podem ganhar uma vida muito própria e longeva!

Numa recente versão em português publicada no Brasil, o termo que se reproduz volta a ser *crejimba* nas duas ocasiões em que aparece mencionado no romance[(51)].

Apesar de o termo *crejimba* estar ausente dos dicionários e enciclopédias franceses, o termo *airi* consta do *Grand dictionnaire universel du XIXe siècle* de P. Larousse, que o define como termo botânico designativo de uma «espécie de palmeira do Brasil, de tronco espinhoso»[(52)].

Não obstante, uma vez que a investigação parece confirmar a pista brasileira, resulta lógico e oportuno consultar a lexicografia em língua portuguesa. O termo *crejimba* tampouco aparece nos dicionários ou enciclopédias, mas encontra-se ***airi***, acompanhado desta vez de outro termo, assaz interessante:

> AIRI: Espécie de coqueiro espinhoso do Brasil, do género astrocário (*Astrocaryum ayrii*). Com a madeira, muito rija, faziam os índios os seus arcos. «Em Minas fazem o arco do *airi* espinhoso, a que chamam *brijuba*, e os tupinambas *airi-açu*», Gonçalves Dias, *Brasil e Oceania* I, cap. 4, p. 74[(53)(54)].

Nesta definição observa-se o termo *brijuba*, que serve de guia até à saída do labirinto, posto que se pode legitimamente suspeitar tratar-se de uma forma ligeiramente deformada de *crejimba*.

O termo ***airi*** é retomado na generalidade dos dicionários de língua portuguesa atuais publicados no Brasil[(55)], que ressaltam na definição, entre outras coisas a qualidade da madeira, nomeadamente para o fabrico de arcos, das fibras das folhas para o fabrico de chapéus e vassouras. Esses dicionários apresentam ainda os sinónimos airiaçu, airíri, araúva, brejaúba, brejaúva, coqueiro-airi, coqueiro-brejaúba, coqueiro-iri, iri ou irucurana ou referem o fruto coco-de-airi ou coco-de-iri.

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* contém três variantes da palavra: *brejaúba*, *brejaúva* e *brijaúba*[(56)]. Já o *Glossário Etimológico Tupi/Guarani*[(57)] indica as variantes brejaúba, barajaúba, brajaúba e brejaúva (etim.: *mbará-yá-yba* — a árvore de frutos duros; de *mbará* — forte, resistente, + *yá* — fruto, grão, + *yba* — árvore) e iri (etim.: *yry-yary* — cacho). Curiosamente, os termos tupis ressaltam as características dos frutos, mas não da madeira.

A segunda chave: os manuscritos

E a saída do labirinto encontra-se, como costuma acontecer, não longe da entrada; talvez um pouco oculta, mas está lá. É preciso voltar ao princípio, à sinonímia detetada n'*O Tio Robinson*; e por que não recorrer aos manuscritos vernianos, afortunadamente acessíveis e que poderiam constituir o verdadeiro ponto de partida?

Os manuscritos conservados d'*O Tio Robinson* são dois, guardados na Biblioteca Municipal de Nantes, a cidade natal de Verne. No tocante ao fragmento do manuscrito mais antigo (Ms1, *vid.* detalhe na fig. 3), a minha tentativa de transcrição dá o seguinte resultado[(58)]:

Après cela, Oncle Robinson attira l'attention de Clifton sur la [*quête* ?] des armes ; il tenait [*essentiellement* ?], et les enfants y tenaient aussi, à fabriquer des arcs qui leur permissent de chasser autrement qu'à coups de bâton, et à pouvoir au moins se défendre contre des animaux plus dangereux.
Comme ils n'avaient à leur disposition, ni [*acier* ?], ni corde, il fallait nécessairement construire ces arcs en bois ; la question était de trouver ce bois, aussi Clifton pensa qu'il le trouverait parmi certaines espèces de cocotiers qu'il avait remarqués au nord du lac, mais en arrière de la falaise. Le père, Flip et les enfants s'y rendirent donc et après quelques recherches, ils trouvèrent un arbre d'espèce de celui qu'on appelle **airi ou ~~*breuj*~~ brejeuba**, et qui sert aux naturels d'Amérique méridionale à faire leurs meilleurs arcs. On coupa donc les branches qui parurent le mieux répondre à cet [*usage* ?], et on revint à la grotte.

[Depois disso, o tio Robinson chamou a atenção de Clifton para a [*procura de*] armas; [*essencialmente*], estava empenhado, tal como os garotos, em fabricar arcos que lhes permitissem caçar sem ser à bordoada e defender-se pelo menos contra os animais mais perigosos.
Como não dispunham nem de [*aço*] nem de cordas, eram obrigados a utilizar madeira para fazer os arcos; a questão era arranjar essa madeira, e Clifton pensou que a encontraria entre certas espécies de coqueiros que tinha observado ao norte do lago, mas por trás do alcantilado. Portanto, o pai, Flip e os garotos foram até lá e, depois de buscas por aqui e por ali, encontraram uma árvore da espécie conhecida como *airi* ou ~~*breuj*~~ *brejeuba*, que serve para os nativos da América do Sul fazerem os seus melhores arcos. Cortaram os ramos que lhes pareciam mais indicados para esse [*uso*] e regressaram à gruta.]

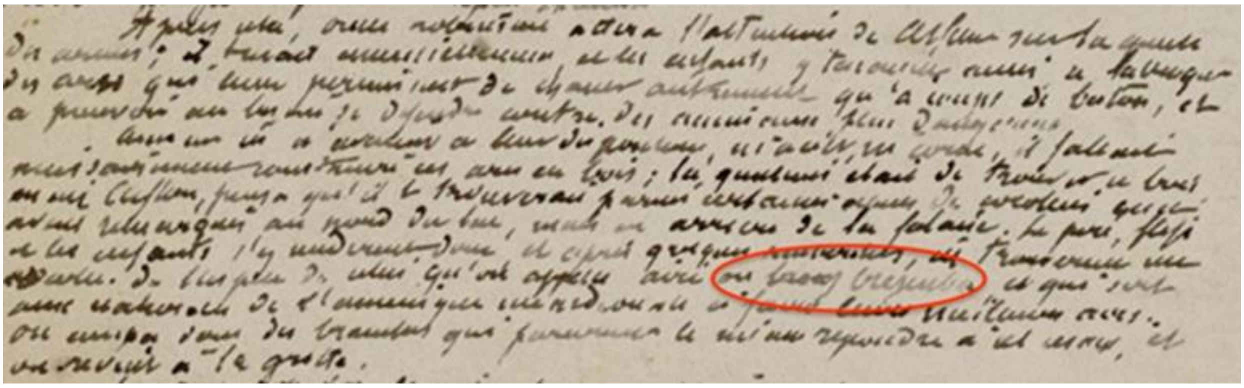


Fig. 3: Detalhe do Ms1 de *L'Oncle Robinson*, Biblioteca Municipal de Nantes

Quanto ao manuscrito mais recente (Ms2, *vid*. detalhe na fig. 4), a passagem em questão, riscada com uma cruz a lápis, converte-se em(59):

Fort heureusement, Harry Clifton trouva au milieu d'un bouquet de cocotiers une certaine espèce connue sous le nom d'Airi ou de crejimba, dont le bois sert à fabriquer les meilleurs {*quoi* [ajouté au crayon]} des Indiens d'Amérique Méridionale. Le père et les enfants coupèrent quelques branches de ce créjimba et ils les rapportèrent à la grotte. En quelques heures de travail, l'Oncle Robinson fabriqua trois arcs d'une courbure régulière (...).

[Afortunadamente, Harry Clifton encontrou no meio de um palmar uma espécie conhecida como airi ou crejimba, cuja madeira serve para fabricar os melhores {*quê* [acrescentado a lápis, provavelmente por Hetzel]} dos índios da América do Sul. O pai e os garotos cortaram alguns ramos da crejimba e levaram-nos para a gruta. Em poucas horas de trabalho, o tio Robinson fabricou três arcos de curvatura regular (...).]

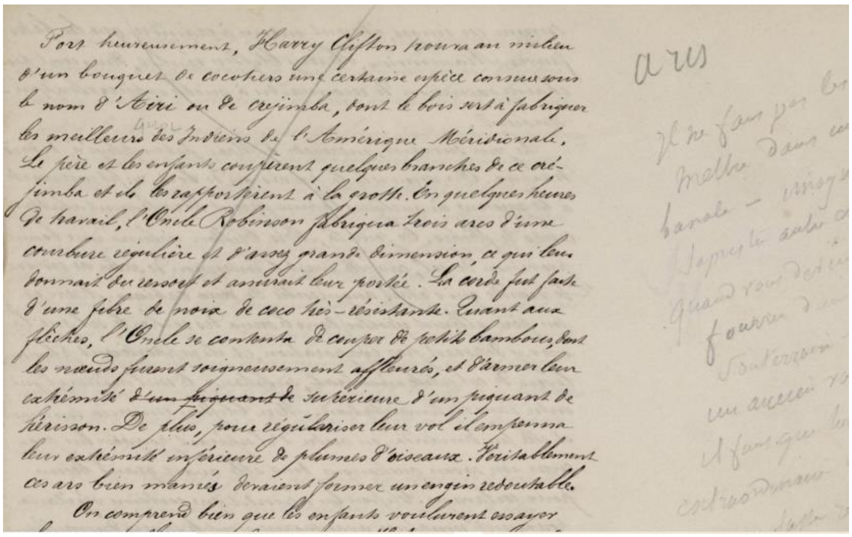

Fort heureusement, Harry Clifton trouva au milieu d'un bouquet de cocotiers une certaine espèce connue sous le nom d'Airi ou de crejimba, dont le bois sert à fabriquer les meilleurs des Indiens de l'Amérique Méridionale. Le père et les enfants coupèrent quelques branches de ce créjimba et ils les rapportèrent à la grotte. En quelques heures de travail, l'Oncle Robinson fabriqua trois arcs d'une courbure régulière et d'assez grande dimension, ce qui leur donnait du ressort et assurait leur portée. La corde fut faite d'une fibre de noix de coco très-résistante. Quant aux flèches, l'Oncle se contenta de couper de petits bambous, dont les nœuds furent soigneusement affleurés, et d'armer leur extrémité ~~d'un piquant de~~ supérieure d'un piquant de hérisson. De plus, pour régulariser leur vol il empenna leur extrémité inférieure de plumes d'oiseaux. Véritablement ces arcs bien maniés devaient former un engin redoutable.
On comprend bien que les enfants voulurent essayer

Fig. 4: Detalhe do Ms2 de *L'Oncle Robinson*, Biblioteca Municipal de Nantes

A grafia do Ms1 d'*O Tio Robinson* pela mão de Júlio Verne deixa transparecer uma dúvida, um começo de palavra incompleto, riscado, talvez *breuj* antes de outra palavra que interpretamos como *brejeuba*. A grafia do Ms2 d'*O Tio Robinson* não é de Verne, mas sim de Honorine, sua mulher, que presumivelmente copiou o resto do romance, precisamente a partir do dito parágrafo(60). A minha hipótese é que a origem da *crejimba* d'*A Ilha Misteriosa* se encontra nesse termo *brejeuba*, quase delido, do manuscrito d'*O Tio Robinson*.

Poderá dar-se o caso de Júlio Verne não ter decifrado a sua própria caligrafia e julgado que se lia *crejimba*?(61) Ou será que a senhora Verne julgou ler outra coisa perante uma palavra tão estranha? O certo é que esta chegou ao livro *A Ilha Misteriosa*, e a imprensa fê-la passar para esse grande catálogo de hápax e quase-criptogramas léxicos tão conhecidos pelos estudiosos vernianos.

Terceira chave: as possíveis fontes

Até aqui tudo parece ir sobre rodas, mas, evidentemente, os leitores sagazes terão já feito uma pergunta, porquanto falta uma prova incriminatória nesta operação de deciframento. Como provar que *airi* e um termo como *brejeuba* (ou qualquer das suas variantes) coexistiam num texto francês que Júlio Verne tivesse podido consultar para se documentar, isto é, que tivesse constituído uma ou outra das suas fontes para o romance?

Uma das fontes, direta ou indireta, de Verne pode ter sido a *Voyage au Brésil dans les années 1815, 1816 et 1817*, escrita por S. A. S. Maximiliano, príncipe de Wied-Neuwied (1782-1867), e traduzida de alemão para francês por Jean-Baptiste Benoît Eyriès (1767-1846), versão da qual transcrevo em seguida alguns parágrafos(62):

> Le cocotier nommé *aïri assú* dans la Lingoa gèral et *brejeùba* dans la province de Minas, est commun dans cette forêt (...) les sauvages en font des arcs. Son tronc est brun foncé (...) auxquelles succèdent des noix d'un brun noirâtre et luisant, très-dures, et de la grosseur d'un œuf de pigeon.
>
> [Nesta selva é comum o coqueiro a que chamam *airiaçu* na *língua geral* e *brejeúba* na província de Minas (...); os selvagens fabricam arcos com ele. O tronco é pardo escuro (...). [As flores] dão origem a nozes de cor parda quase negra e brilhante, muito duras e do tamanho de ovos de pomba.]
>
> Beaucoup [de tribus] se servent (...) pour leurs arcs d'un bois fort et élastique ; celles qui vivent le long de la côte orientale, et dans la capitainerie de Minas-Géraës, les font avec le bois du palmier — aïri épineux, nommé à Minas *brejuba*, et par les tribus toupinambas *aïri assu*.

> [Muitas [tribos] para (…) os seus arcos, utilizam uma madeira forte e flexível; as que vivem na costa oriental e na capitania de Minas Gerais fazem-nos com a madeira do *airi* espinhoso, palmeira que se chama *brejuba* em Minas e que as tribos tupinambás denominam *airiaçu*.]
>
> La plus grande force de cet arc réside dans le milieu.
>
> [Este arco tem a sua força máxima no centro.]

Com esta terceira chave em cima da mesa, pode dar-se por concluído o decifiramento. Já sabemos de que espécie da família das palmáceas e de que madeira se trata(63). Na terceira das citações que precedem o presente parágrafo, destaca-se a observação de Verne, a propósito dos ramos da árvore, de que a força se concentra no centro do arco.

A esse respeito, e relativamente à utilidade do fruto desta palmeira como alimento, seria bom recordar a seguinte frase, já citada, de J. de Léry:

> (...) vn fruit de moyenne groſſeur dans lequel ſe trouue vn noyau blanc comme neige, qui toutes fois n'eſt pas bon à mãger.
>
> [(…) frutos de tamanho médio que contêm um caroço não comestível e branco como neve.]

Apesar de tudo, sem entrar em demasiados detalhes gastronómicos, deve sublinhar-se que nem toda a gente é do mesmo parecer. Basta para tanto consultar os dicionários brasileiros, que falam em frutos comestíveis ou em sementes saborosas.



Fig. 5: Ilustração de *Astrocaryum ayrii* (*aculeatissimum*, atualmente).
Fonte: Carl F. P. von Martius, *Historia naturalis palmarum*, vol. 2, T. O. Weigel, Leipzig, 1823-1837, ilus. 59A

Não esquecer a corda do arco

G. L. D. de Rienzi (1789-1843), fonte de muitas passagens de *Vinte Mil Léguas Submarinas* e d'*Os Filhos do Capitão Grant*, também poderia ter sido a fonte da palavra designativa do material que permite aos colonos d'*A Ilha Misteriosa* fabricarem as cordas do arco, pois é o autor da seguinte frase: «A casca do *Hibiscus heterophyllus* poderia servir para fabricar cordas»(64).

Não obstante, tem cabimento a possibilidade de evocar como fonte, pelo menos indireta, a obra de J.-B.-B. Eyriès(65), o já mencionado tradutor para francês do príncipe de Wied-Neuwied, pois, se os

dados bibliográficos estiverem corretos, a obra deste é anterior aos volumes de Rienzi: «A casca do *Hibiscus heterophyllus*, que cresce nas margens do rio Hawkesbury, pode servir para fabricar cordas». Seja como for, importa assinalar que, em ambos os casos, Rienzi e Eyriès se referem à Austrália, onde esta planta parece ser endémica e onde correm as águas do Hawkesbury, não longe da cidade de Sídnei. Contudo, os leitores experientes são mais que conscientes de que o biótopo da ilha de Lincoln só pertence ao âmbito da ficção e de que se trata de um biótopo novelesco(66).



Fig. 6: Ilustração de *Hibiscus heterophyllus* a cargo de Pierre-Joseph Redouté.
Fonte: E. P. Ventenat, *Jardin de la Malmaison*, vol. 2, Crapelet, Paris, 1804, ilus. 103.

E qual é o papel dos tradutores em tudo isto?

Por dever de ofício, o tradutor procura ser uma «espécie» tão tenaz como as fibras do *Hibiscus heterophyllus*.

O trabalho realizado ao longo dos anos pelos investigadores vernianos, digno de elogio e de gratidão, e a possibilidade de consultar os manuscritos das obras de Júlio Verne abrem vias para continuar a explorar os textos e resolver muitas questões pendentes relacionadas com as leituras corretas, bem como um bom número de dúvidas, gralhas e erros que podem repercutir-se notoriamente na qualidade da tradução. Como em tantos outros casos, o método é similar ao utilizado para encontrar as chaves que permitem resolver criptogramas simples: dar com as letras ou palavras que ocultam outras distintas.

Este artigo é o contributo, mínimo e modesto, de um tradutor para essa releitura necessária das obras de Júlio Verne à luz dos manuscritos disponíveis, com a intenção de desvendar tudo o que os textos originais podem ainda ocultar.

Em definitivo, e voltando quase ao princípio, o tradutor não deixa de ser um leitor que obrigatoriamente vê com outros olhos um *finale* tão ditoso como o que Verne utiliza a concluir *A Jangada*(67):

> « À une lettre près, disait-il, Lina, Liane, n’est-ce pas la même chose ?».
>
> [Letra a mais ou a menos — dizia —, Lina, Liana, não é o mesmo?](68)

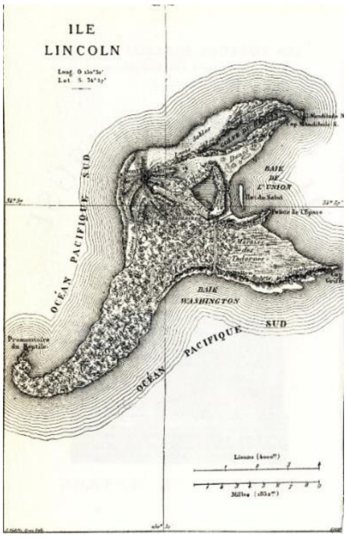


Fig. 7: Mapa da ilha de Lincoln (p. 201 na edição de Hetzel em formato grande).

man2021pyc@gmail.com

Bibliografia das obras de Júlio Verne originais mencionadas

No caso das obras originais de Júlio Verne, segue-se aqui a cronologia estabelecida por Daniel Compère[69], mas não se tem em conta a das obras publicadas no *MER*.

Verne, J.,
— *Cinq semaines en ballon*, Hetzel, Paris, 1863.
— *Voyages et aventures du capitaine Hatteras*, Hetzel, Paris, 1864-1865.
— *Voyage au centre de la Terre*, Hetzel, Paris, 1864.
— *De la Terre à la Lune*, publicado inicialmente pelo *Journal des Débats politiques et littéraires*, 1865; publicado posteriormente por Hetzel, Paris, 1865.
— *Les enfants du capitaine Grant*, Hetzel, Paris, 1865-1867.
— *Vingt mille lieues sous les mers*, Hetzel, Paris, 1869-1870.
— *Le tour du monde en quatre-vingts jours*, *Le Temps*, Paris, 6 de novembro-22 de dezembro de 1872; publicado posteriormente por Hetzel, Paris, 1873.
— *L'île mystérieuse*, Hetzel, Paris, 1874-1875.
— *La jangada*, Hetzel, Paris, 1881.
— *Frritt-Flacc*, *Le Figaro illustré*, Paris, n.º de 1884-1885, p. 6-7.
— *L'Oncle Robinson*, ed. C. Robin, colab. L. Courville, J. Davy, C. Sanlot, Le livre de poche, Paris, 2016. [Manuscrito pertencente à cidade de Nantes, publicado originalmente por Le cherche midi, Paris, 1991].

No sítio Gallica[70] da Biblioteca Nacional de França podem consultar-se diversas edições das obras de Verne, tanto das publicadas por Hetzel como das que apareceram nalguns jornais ou revistas.

[1] Jorge Madeira Mendes, antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia. Salvo indicação em sentido diverso, a tradução das passagens e citações neste artigo é de sua autoria, sendo indicada entre parêntesis retos.
[2] Paulo Correia, antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia.
[3] Navarrete, M. Á., «Lo que oculta el texto original: un ejemplo botánico de *La isla misteriosa* de Jules Verne», *1611: Revista de Historia de la Traducción*, n.º 14, 2020, http://www.traduccionliteraria.org/1611/art/navarrete.htm.
[4] Navarrete, M. Á., «*Crejimba*: trois clefs pour un arc et sa corde», *Bulletin de la Société Jules Verne, n.º 200, maio de 2020,* Paris, p. 16-24.
[5] Verne, J., *Veinte mil leguas de viaje submarino*, trad., not., pról., apênd. M. Á. Navarrete, Anaya, Madrid, 1995; Verne, J., *Veinte mil leguas de viaje submarino*, ed. trad., intr., not. M. Á. Navarrete, Cátedra, Madrid, 2019.

[6] Verne, J., *Frritt-Flacc*, ed., trad. intr., trans. manus. Miguel Á. Navarrete, Oportet Editores, Paracuellos de Jarama (Madrid), 2015.
[7] *Cf.* Ishibashi, M., *Le projet Verne et le système Hetzel*, AARP & Encrage Édition, Amiens, 2014.
[8] *Voyages extraordinaires* em francês.
[9] Verne, J., *Cinq semaines en ballon*, Hetzel, Paris, 1863.
[10] Verne, J., *Voyage au centre de la Terre*, Hetzel, Paris, 1864.
[11] Verne, J., *Voyages et aventures du capitaine Hatteras*, Hetzel, Paris, 1864-1865.
[12] Verne, J., *De la Terre à la Lune*, publicado inicialmente pelo *Journal des Débats politiques et littéraires*, 1865; publicado posteriormente por Hetzel (Paris, 1865).
[13] Verne, J., *Le tour du monde en quatre-vingts jours*, *Le Temps* (Paris), 6 de novembro-22 de dezembro de 1872; publicado posteriormente por Hetzel (Paris, 1873).
[14] Verne, J., *Les enfants du capitaine Grant*, Hetzel, Paris, 1865-1867.
[15] Verne, J., *Vingt mille lieues sous les mers*, Hetzel, Paris, 1869-1870.
[16] Verne, J., *L'île mystérieuse*, Hetzel, Paris, 1874-1875.
[17] Verne, J., *L'Oncle Robinson*, ed. C. Robin, colab. L. Courville, J. Davy, C. Sanlot, Paris, Le livre de poche, 2016. [Manuscrito pertencente à cidade de Nantes, publicado originalmente por Le cherche midi, Paris, 1991].
[18] Começou a publicar-se no n.º 217 (vol. XIX) e chegou até ao n.º 264 (vol. XXII) do *Magasin d'éducation et de récréation*, Paris.
[19] Verne, J., *L'île mystérieuse*, ed., present., not. M.-H. Huet, dir. J.-L. Steinmetz, col. La Pléiade, Gallimard, Paris, 2012.
[20] Arranjo que dá à folha de impressão 36 páginas por folha.
[21] «O degredado», na edição dos Clássicos Zahar, com tradução de André Telles.
[22] Arranjo que dá à folha de impressão 16 páginas por folha.
[23] Biblioteca Nacional do Brasil, *Acervo: A Ilha Mysteriosa*, http://acervo.bn.gov.br/sophia_web/acervo/detalhe/826632.
[24] Verne, J., *A Ilha Mysteriosa*, trad. para português H. de Macedo, David Corazzi, Lisboa, 1887.
[25] Verne, J., *A Ilha Mysteriosa*, trad. para português H. de Macedo, 3.ª ed., A Editora Limitada, Lisboa, 1912.
[26] Henrique de Macedo (1843-1910) — Lente de Matemática na Escola Politécnica e astrónomo no Observatório da Marinha. 1.º conde de Macedo, foi também político, tendo entre outras funções de relevo, sido deputado, par do Reino e ministro da Marinha e Ultramar (de 1886 a 1889). Foi um dos sócios fundadores da Sociedade de Geografia de Lisboa.
[27] Biblioteca Nacional, *Acervo*, http://acervo.bn.gov.br/sophia_web.
[28] Biblioteca Nacional de Portugal, *Catálogo*, http://catalogo.bnportugal.pt/.
[29] Verne, J., *A Ilha Misteriosa*, trad. para português J. V. Pires, Círculo de Leitores, Lisboa, 1975.
[30] Verne, J., *A Ilha Misteriosa*, trad. para português J. L. da Costa, Livros do Brasil, Lisboa, 1991.
[31] Verne, J., *A Ilha Misteriosa*, des. J. Férat, trad. para português J. L. da Costa, Círculo de Leitores, [Lisboa], 1996, ISBN 972-42-1380-3.
[32] Verne, J., *A Ilha Misteriosa*, trad. para português T. Fernandes, des. J. Férat, Europa-América, Mem Martins, 1982.
[33] Verne, J., *A Ilha Misteriosa*, trad. para português H. de Macedo, des. Férat, Bertrand, Amadora, 1974.
[34] Verne, J., *A Ilha Misteriosa*, trad. para português H. de Macedo, Público, [Lisboa], 2005, ISBN 84-9819-062-2.
[35] Wyss, J. D., *Der Schweizerische Robinson*, Orell, Füssli und Compagnie, Zurique, 1812. A primeira tradução e adaptação ao francês deve-se a Isabelle de Montolieu (entre 1813 e 1824).
[36] As *robinsonadas* deste tipo escritas por Verne e influenciadas, pelo menos parcialmente, pel'*O Robinson Suíço* são várias, cabendo destacar *L'école des Robinsons* (1882), *Deux ans de vacances* (1888) e *Seconde patrie* (1900). Entrar nos avatares e recônditos da tradução e adaptação ao francês de *Der Schweizerische Robinson* (1812) excede em muito as margens de um artigo como o presente. De assinalar que, numa dessas versões da obra de Wyss, também Hetzel deixou uma marca bem notória.
[37] Verne, J., *La jangada*, Hetzel, Paris, 1881, p. 2.
[38] Verne, J., *A Jangada*, trad. para português P. Garrido, 2.ª ed., David Corazzi, Lisboa, 1888, p. 2.
[39] Verne, J., *L'île mystérieuse*, Hetzel, Paris, 1874-1875, p. 115, 219. Citações extraídas da edição in-oitavo de Hetzel.
[40] Verne, J., *L'île mystérieuse*, ed., present., not. M.-H. Huet, dir. J.-L. Steinmetz, col. La Pléiade, Gallimard, Paris, 2012, p. 1165, n. 3.
[41] Verne, J., *L'Oncle Robinson*, ed. C. Robin, colab. L. Courville, J. Davy, C. Sanlot, Le livre de poche, Paris, 2016, p. 200-201. [Manuscrito pertencente à cidade de Nantes, publicado originalmente por Le cherche midi éditeur, Paris, 1991]
[42] Verne, J., *O Tio Robinson*, trad. para português J. L. da Costa, Livros do Brasil, Lisboa, 1992, p. 206.
[43] Verne, J., *L'île mystérieuse*, ed., present., not. M-H. Huet, dir. J.-L. Steinmetz, col. La Pléiade, Gallimard, Paris, 2012, p. 1165, n. 3.
[44] Entre outras coisas, Ferdinand Denis (1798-1890) foi coautor com Hippolyte Taunay (1793-1864) do livro *Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitans de ce royaume*, publicado por Nepveu (Paris) em 1822, no qual se pode ler (vol. IV, p. 265): « Le grand palmier Aïri fournit aux indigènes un bois excellent pour fabriquer leurs arcs ; mais on ne le trouve que dans la partie sud » [A grande palmeira *airi* fornece aos indígenas uma madeira excelente para fabricarem os seus arcos, mas só se encontra na parte sul], Biblioteca Digital Gallica da Biblioteca Nacional de França, https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5651043w/f296.image.
[45] Verne, J., *The Mysterious Island*, trad. para inglês S. Kravitz, ed. A. B. Evans, intr., not. W. Butcher, Wesleyan University Press, Middletown (Connecticut), 2001, p. 642.
[46] Verne, J., *The Mysterious Island*, trad. para inglês S. Kravitz, ed. A. B. Evans, intr., not. W. Butcher, Wesleyan University Press, Middletown (Connecticut), 2001, p. 642. «*Airi*, a spiny tree and its fruit», na referência de W. Butcher.
[47] Léry, J. de, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique […]*, La Rochelle [Genebra?] A. Chuppin, 1578, p. 200-201, disponível na biblioteca digital Gallica https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3128810. Há várias

edições brasileiras da *Viagem à Terra do Brasil* ou da *História de uma Viagem feita à Terra do Brasil*, conforme pode ser comprovado nos catálogos das bibliotecas nacionais de Lisboa e Rio de Janeiro. Numa dessas edições [Léry, J. de, *Viagem à terra do Brasil*, 2.ª ed., trad. para português S. Milliet, ed. Paul Gaffarel, Livraria Martins, São Paulo, 1951], o tupinólogo Plínio Ayrosa afirma que Léry, ao referir também, separadamente, na mesma obra as palmeiras *geraú* e *iri* (de que «só o caroço presta»), estaria a falar, sem o saber, da mesma espécie que o *airi*, a *Astrocaryum ayri* Mart. À parte versões em alemão e em neerlandês, há diversas versões em latim deste livro de Jean de Léry. A primeira foi a *Historia Nauigationis in Brasiliam, quæ et America dicitur […]*, publicada por Eustache Vignon em Genebra em 1586.

(48) Léry, J. de, *Viagem à terra do Brasil*, 2.ª ed, Livraria Martins, São Paulo, 1951.

(49) Verne, J., *A Ilha Misteriosa*, trad. para português J. V. Pires, Círculo de Leitores, Lisboa,1975.

(50) Verne, J., *A Ilha Mysteriosa*, trad. para português H. de Macedo, Lisboa, David Corazzi, 1887.

(51) Verne, J., *AIlha Misteriosa*, trad. para português de A. Telles, Zahar, Rio de Janeiro, 2017, p. 137, 257).

(52) Volume 1, p. 165. De destacar a existência, nessa mesma enciclopédia, de uma variante da palavra: «AYRI s. m. (é-ri). Bot. Palmier épineux du Brésil, qui fournit aux habitants du pays une boisson fermentée» (*ibid*., p. 1105) [Palmeira espinhosa do Brasil, da qual os habitantes obtêm uma bebida fermentada].

(53) O trecho do escritor A. Gonçalves Dias (1823-1864), na ortografia da época, pode ser consultado na Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, https://digital.bbm.usp.br/view/?45000018363&bbm/4445#page/96/mode/2up, p. 93: «Em Minas fazem o arco do *Airi* espinhoso, a que chamão *Brijuba*, e os *Tupinambás airi-assú*».

(54) *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, ed. Enciclopédia, Lisboa - Rio de Janeiro, [1935-1957], ISBN 972-9362-21-1, vol. I — ISBN 972-9362-22-X.

(55) Confrontar:

airi ai·ri sm BOT Palmeira de grande porte (*Astrocaryum aculeatissimum*), cespitosa ou multicaule, nativa do Nordeste (BA), do Sudeste e do Sul do Brasil, com madeira de boa qualidade, fruto comestível e de cujas folhas se extraem fibras usadas em chapéus e vassouras e, que, quando incineradas, servem de adubo rico em fosfato e sais de potássio; airiaçu, brejaúba, brejaúva, coco-de-airi, coco-de-iri. ETIMOLOGIA tupi *airý*. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa: Airi*, Michaelis,
https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/airi/.

airi s. m. ‖ (Bras.) planta palmácea, de fruto comível, que produz manteiga vegetal e madeira resistente para o fabrico de arcos (*Astrocaryum ayri*, Mart.). Também lhe chamam, airíri, iri, irucurana, coqueiro-brejaúba e brejaúva ou brejaúba. *Dicionário Aulete Digital: Airi*, Lexikon, https://www.aulete.com.br/airi.

airi *s.m.* (c1607 cf. DHPT) ANGIOS palmeira cespitosa (*Astrocaryum aculeatissimum*) com comprimento até 10 m, nativa do Brasil (BA e SC), de boa madeira e folhas das quais se extraem fibras us. em vassouras e chapéus ou são incineradas para servir como adubo, rico em fosfato e sais de potássio; airiaçu, brejaúba, brejaúva, coco-de-airi, coco-de-iri, coqueiro-airi, coqueiro-brejaúba, coqueiro-iri, araúva, iri. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Temas & Debates, Lisboa, 2003.

airi. [Do tupi] *S.m. Bras. Bot.* Palmeira silvestre, da família das palmeiras (*L. Astrocaryum auri* [*sic*]), cujas nozes são usadas pelas crianças para fazer pião, sendo as sementes saborosas e oleosas; iri, coco-de-iri, brejaúba, brejaúva. *Novo Aurélio Século XXI*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1999.

(56) *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa-Rio de Janeiro, [1935-1957], ISBN 972-9362-21-1, vol. V, p. 70 e 87, respetivamente — ISBN 972-9362-22-X.

(57) Clerot, L. F. R., *Glossário Etimológico Tupi-Guarani: Termos Geográficos, Geológicos, Botânicos, Zoológicos, Históricos e Folclóricos de Origem Tupi-Guarani, Incorporados ao Idioma Nacional*, Senado Federal, Brasília, 2010, ISBN 8570183208.

(58) A assinatura do manuscrito mais antigo (Ms1) de *L'Oncle Robinson* no catálogo de manuscritos do Fundo Jules Verne que a Biblioteca Municipal de Nantes possui é B 48. Os parágrafos citados encontram-se na pág. 45.

(59) A assinatura do manuscrito mais recente (Ms2) de *L'Oncle Robinson* no catálogo de manuscritos do Fundo Jules Verne que a Biblioteca Municipal de Nantes possui é B 49. A citação encontra-se na pág. 159. Na margem direita desta página pode ler-se a resposta a esse *quoi* [quê] acrescentado a lápis: *arcs* [arcos]. Acresce que se podem encontrar comentários do editor Hetzel não relacionados com a questão dos arcos. *Cf.* Verne, J., *L'Oncle Robinson*, ed. C. Robin, colab. L. Courville, J. Davy, C. Sanlot, Le livre de poche, Paris, 2016, p. 304-305); *cf.* Butcher, W., *Les manuscrits déchiffrés*, ENS Éditions, Institut d'histoire du livre, Lyon, 2015, p. 237-251; em particular, p. 250).

(60) *Cf.* Dumas, O., Van Herp, J., «Un *Oncle Robinson*, une *Île mystérieuse*, et autres, sous influence», *Bulletin de la Société Jules Verne*, n.º 111, 3.º trimestre de 1994, p. 31-41; em particular, p. 39; *L'Oncle Robinson*, *op. cit.*, p. 286 e 291; e Butcher, W., *Les manuscrits déchiffrés*, ENS Éditions, Institut d'histoire du livre, Lyon, 2015, p. 246-249 e n. 15).

(61) Como pode ver-se na fig. 4, existe a variante fonética *créjimba*, que aparece duas linhas abaixo. Jean Guermonprez recolhe também essa variante *créjimba*, 1995 (1951), p. 5. Guermonprez, J., «Du navet au chef-d'œuvre», [1951], *Bulletin de la Société Jules Verne*, n.º 113, 1.º trimestre de 1995, p. 4-7.

(62) Wied-Neuwied, M. A. P. (príncipe de), *Voyage au Brésil dans les années 1815, 1816 et 1817*, trad. J.-B.-B. Eyriès, Arthus Bertrand, Paris, 1821-1822, vol. I p. 9-80; vol. II p. 41-242, p. 42-243.

(63) Atualmente, identifica-se como *Astrocaryum aculeatissimum* a palmeira outrora conhecida pelo nome científico de *Astrocaryum airi* ou *ayrii*.

(64) Rienzi, G. L. D. de, *Océanie ou cinquième partie du monde*, vol. I, Firmin Didot, Paris, 1836, p. 46. Cabe destacar, muito especialmente, a proximidade da referência de Rienzi ao *Hibiscus heterophyllus* com uma referência ao «maná», outro produto natural mencionado numa passagem d'*A Ilha Misteriosa* (1.ª parte, cap. XII, p. 107), o qual não está longe do da menção à *crejimba*: «Cunningham descobriu um eucalipto que proporciona um maná doce, similar ao da Índia» (de Rienzi, *loc. cit.*), disponível na base de dados Gallica, https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k307862/f54.image.

(65) Eyriès, J.-B.-B., *Abrégé des voyages modernes, depuis 1780 jusqu'à nos jours*, vol. V, Étienne Ledoux, Paris, 1823, p. 22, disponível em Google Books, https://books.google.be/books?hl=es&id=CJ73_ZWZEKgC.

(66) *Cf.* Dalimier, P., «Zoologie et botanique dans la trilogie», *Bulletin de la Société Jules Verne*, n.º 8, setembro de 1937, p. 132-143.
(67) Verne, J., *La jangada*, Hetzel, Paris, 1881, p. 328.
(68) Cf. Verne, J., *A Jangada*, trad. para português Pompeu Garrido. 2.ª ed., Lisboa, David Corazzi, 1888. O trecho não consta na tradução de Pompeu Garrido, que termina com «— Hein! E se não fosse aquelle cipó!?», onde Verne escrevera «“ Hein ! sans la liane ! ”». O facto de o tradutor ter optado pelo termo cipó como tradução de *liane* inviabilizou o jogo de palavras Lina/Liana, levando a um final antecipado de dois parágrafos na tradução portuguesa.
(69) Compère, D., *Jules Verne. Parcours d'une œuvre*, Encrage, Amiens, 1996.
(70) Biblioteca Nacional de França, *Gallica*, https://gallica.bnf.fr/.

Um aparte à parte (VII)

Jorge Madeira Mendes
Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Não diga «90% dos habitantes *concordou*». Diga «90% dos habitantes **concordaram**».

Explicação: Uma percentagem não é um conceito abstrato.

A expressão «90% dos habitantes» significa «90 habitantes... por cada cento deles».

E como se poderia justificar a construção «90 habitantes *concordou*»?

Tirando o caso particular de 1%, que quer dizer, precisamente, «um (habitante, indivíduo, elemento, etc.) por cada cento deles», uma percentagem é um sujeito gramatical que rege sempre um predicado PLURAL.

Do mesmo modo, soam incorretas construções do seguinte tipo:

> «Um terço dos alunos de 15 anos afirma que só lê se for obrigado».

Acaso alguém pega num terço e o obriga a ler?

«Um terço» é, tão-só, um quantitativo (manifestamente plural, a menos que o universo dos alunos inquiridos se resumisse a 3, único caso em que um terço corresponderia a um conjunto singular).

Quem lê ou deixa de ler são **alunos** (de 15 anos ou quaisquer outros), quantificados como um terço dos inquiridos.

«Um terço (dos alunos, dos habitantes, dos elementos, das entidades, das pessoas...)» deve ser visto como um sujeito plural.

Identicamente em relação a outras construções que estão a tornar-se excessivamente frequentes por obra da comunicação social portuguesa:

> «Quase metade dos inquiridos *respondeu*».

Se, em vez de «*quase* metade dos inquiridos», fosse «metade dos inquiridos», ainda se poderia compreender o verbo no singular, por concordância com o substantivo «metade». Esta posição não

deixa de ser contestável, visto que, se se tratar de um conjunto de mais de dois inquiridos, metade deles são, seguramente, mais do que um.

Em todo o caso, na frase em causa, quem respondeu não foi *metade*, mas sim *quase metade*.

Será que os autores de frases destas pensam que o sujeito do verbo «responder» é o advérbio «quase»?

Foi o «quase» que respondeu?

Quem respondeu foi «quase metade», que constitui um quantitativo plural.

O correto é dizer «quase metade dos inquiridos **responderam**».

Existem diversas variantes destas construções, como, por exemplo, «Mais de um quarto dos cidadãos não *sabe*».

jorge.mendes909@gmail.com

Práticas terminológicas na área do comércio exterior

Mario Vergara
Associação Latino-Americana de Integração (ALADI)

O presente trabalho objetiva apresentar as práticas terminológicas realizadas na ALADI — Associação Latino-Americana de Integração, um âmbito técnico não universitário.

No referido organismo a terminologia é uma ferramenta fundamental para a tradução de documentação nos idiomas oficiais, a saber, espanhol e português[(1)], e em menor medida, em idioma inglês. Esta instituição conta, ainda, com produtos terminológicos econômicos e comerciais elaborados por funcionários especializados para o funcionamento do organismo e a adequada compreensão de conceitos e documentação.

Portanto, o âmbito de estudo do presente trabalho é a ALADI — Associação Latino-Americana de Integração, um organismo internacional e comercial, cujos idiomas oficiais são o espanhol e o português. Não obstante, neste organismo emprega-se o idioma inglês para a tradução e a comunicação com outros organismos.

Destaca-se, no organismo, a terminologia de comércio exterior, bem como a terminologia dos acordos de comércio, os quais representam um dos principais objetivos da referida instituição: a negociação, assinatura e administração de acordos.

A título de exemplo, apresentamos alguns termos de comércio exterior em ambos os idiomas oficiais extraídos do glossário oficial da ALADI[(2)], um produto terminológico elaborado por funcionários do organismo:

• arancel aduanero	tarifa aduaneira
• cupo	quota
• evaluación de la conformidad	avaliação da conformidade
• régimen general de origen	regime geral de origem
• salvaguardias	salvaguardas

Apresentamos, ainda, alguns termos do *Glossário de Termos Logísticos 2006*[3], um produto terminológico mais recente que o anterior, elaborado também por funcionários especializados da instituição. O mencionado glossário está constituído pela definição do termo, seus equivalentes nos idiomas português e inglês e marcas de uso (como: comércio e aduana):

AD VALOREM
COM / Aduana.— Gravamen arancelario que afecta a las mercancías en el arancel aduanero, cuya aplicación se hace tomando como base impositiva el valor aduanero o valor CIF de las mismas.
Pt: Ad Valorem.
En: Ad Valorem.

EXTERNALIDADES
COM/ EcoCom.— Consecuencias de la acción de un agente económico sobre el bienestar de otro.
Pt: Externalidades.
En: Externalities.

VALORACIÓN ADUANERA
COM / Aduana.— Una de las etapas del procedimiento del aforo. Consiste en avaluar la mercadería sometida a dicho procedimiento, a los efectos de determinar el monto sobre el que se calculan los diversos tributos que surgen de la clasificación arancelaria.
Pt: Valoração aduaneira.
En: Customs Valuation.

Continuando com os produtos terminológicos elaborados na instituição, um capítulo a destacar é o Sistema Harmonizado de Designação e Codificação de Mercadorias. Cabe defini-lo e caracterizá-lo da seguinte maneira: o Sistema Harmonizado de Designação e Codificação de Mercadorias, chamado também Sistema Harmonizado ou SH, é uma nomenclatura internacional de mercadorias criada pela Organização Mundial das Alfândegas (OMA). Mais de 200 países utilizam o sistema, com vistas a uma classificação uniforme. O SH é regulado pelo Convênio Internacional do Sistema Harmonizado de Designação e Codificação de Mercadorias. A OMA se encarrega, por meio do Comitê do Sistema Harmonizado, de sua manutenção e atualização mediante emendas e transposições, para que reflita os desenvolvimentos tecnológicos e mudanças no comércio.

Devido à importância e especificidade da terminologia do SH, publiquei, em cooperação com tradutores e terminólogos dos serviços de tradução do Governo do Canadá e da União Europeia, os seguintes três glossários do Sistema Harmonizado:

- «Sistema Armonizado de Designación y Codificación de Mercancías (I)»[4];
- «Sistema Armonizado de Designación y Codificación de Mercancías (II)»[5];
- «Sistema Harmonizado de Designação e Codificação de Mercadorias (III)»[6].

A título de exemplo, os seguintes são alguns dos termos que constam desses glossários:

— «Sistema Armonizado de Designación y Codificación de Mercancías (I)»

- MERCOSUR Common Nomenclature / Nomenclature commune du Mercosur; NCM / Nomenclatura Común del MERCOSUR; NCM / Nomenclatura Comum do MERCOSUL; NCM
- tariff heading; heading / position tarifaire / partida arancelaria / posição tarifária
- tariff item; item / numéro tarifaire / fracción arancelaria / item tarifário
- tariff subheading; subheading / sous-position tarifaire / subpartida arancelaria / subposição tarifária

— «Sistema Armonizado de Designación y Codificación de Mercancías (II)»

- regional subheading / subpartida regional / subposição regional
- residual subheading / subpartida residual / subposição residual
- Common Andean Nomenclature / Nomenclatura Común Andina / Nomenclatura Comum Andina

— «Sistema Harmonizado de Designação de Codificação de Mercadorias (III)»

- Compendium of Classification Opinions / Compendio de Criterios de Clasificación / Compêndio de Critérios de Classificação; Compêndio de Pareceres de Classificação(7)
- tariff heading / partida arancelaria / posição tarifária; posição pautal(8)
- residual heading / partida residual / posição residual(9)

Como resultado da elaboração dos referidos glossários, os seguintes são alguns exemplos de variação terminológica:

— variação analisada por tradutores-terminólogos — Canadá:

ALADI	México
ítem arancelario	fracción arancelaria

— variação analisada por tradutores e terminólogos de português — União Europeia:

Brasil	Portugal	espanhol
tarifa	pauta	arancel
tarifário	pautal	arancelario

Continuando com a terminologia da ALADI, os acordos constituem uma temática fundamental dentro dessa instituição. Algumas denominações dos mesmos: acordo, convenção, protocolo, declaração, carta, pacto, convênio, ata, estatuto, concordata, troca de notas, cartas reversais, minutas aprovadas, memorando de acordo, memorando de entendimento, modus vivendi, tratado, etc.

Não obstante, cabe agregar que ditas denominações apresentam diferenças, em alguns casos sutis, quanto a sua designação. Os seguintes são termos do âmbito latino-americano relacionados aos acordos, razão pela qual os apresentamos nos idiomas oficiais da ALADI:

- Acuerdo de Alcance Parcial — Acordo de Alcance Parcial
- Acuerdo de Complementación Económica — Acordo de Complementação Econômica
- Protocolo de Expansión Comercial — Protocolo de Expansão Comercial
- Protocolo Modificatorio — Protocolo Modificativo
- Protocolo de Adecuación — Protocolo de Adequação
- Preferencia Arancelaria Regional (PAR) — Preferência Tarifária Regional (PTR)

Por outro lado, os seguintes são termos relacionados aos acordos do âmbito internacional:

- Acceding country — país adherente
- Contracting Party — parte contratante
- Exchange of instruments — canje de instrumentos
- Exchange of Notes — canje de notas
- Final Act — Acta final
- Framework Agreement — Acuerdo Marco
- Full powers — plenos poderes
- New Generation Agreement — Acuerdo de Nueva Generación

Continuando com a terminologia dos acordos e considerando a utilidade da análise terminológica e fraseológica para os profissionais da linguagem, a identificação de verbos-termo e de fraseologia é de grande utilidade para a redação e tradução de acordos no organismo.

Verbos e linguagem de especialidade

Lorente refere-se aos verbos-termo da seguinte maneira:

> «*Si…analizamos la presencia de los verbos en textos reales especializados, podemos comprobar que su papel es, como en todo discurso articulado, obviamente muy significativo…*»
> «*La inclusión de verbos en las descripciones léxicas del discurso de especialidad parece necesaria tanto en trabajos monolingües como para la lingüística contrastiva*»(10)

Exemplos de verbos-termo inglês-espanhol:

- assede adherir
- agree to convenir
- agree upon convenir
- be bound to obligarse a
- conclude celebrar
- denounce denunciar
- draw up extender
- extend prorrogar
- govern regir
- ratify ratificar
- renew renovar
- review revisar
- sign firmar
- supersede sustituir
- terminate denunciar
- waive renunciar
- withdraw denunciar

Exemplos de verbos-termo português-espanhol:

- aderir adherir
- assinar firmar
- convir convenir
- denunciar denunciar
- ratificar ratificar
- registrar registrar

Quanto à fraseologia, Krieger e Finatto a definem por extensão da seguinte forma:

> «Ela recobre... compostos, colocações, expressões idiomáticas, locuções, expressões fixas, coocorrentes e outras expressões do gênero.»(11)

Alguns exemplos de fraseologia especializada de uso corrente nos acordos:

- accede to Agreement adherir a acuerdo
- accede to Convention adherir a Convención
- amendment enters into force enmienda entra en vigor
- cease to be a Party dejar de ser parte
- enter into agreement celebrar acuerdo
- enter reservation formular reserva
- open for signature abierto a la firma
- withdraw from Protocol retirarse de Protocolo, denunciar Protocolo
- withdraw reservation retirar reserva

Conclusões

Com base no exposto, concluímos que é fundamental a terminologia para a tradução, a comunicação especializada e institucional e para o próprio funcionamento de um organismo. Assim, para os profissionais da linguagem é imprescindível a análise terminológica e fraseológica, embora em muitos casos se realize de forma pouco consciente.

Cabe, ainda, destacar a importância da cooperação entre organismos para a pesquisa terminológica visto que permite aprofundar o conhecimento sobre a variação terminológica, bem como divulgar os resultados do estudo efetuado.
Concluímos que em todo organismo «se faz terminologia» já que se cunham novos termos, mas também elaboram-se produtos terminológicos de vital importância para o funcionamento de uma organização. A referida elaboração abrange não apenas os profissionais da linguagem, como terminólogos e tradutores, mas também funcionários da instituição com maior ou menor grau de especialização.

mvergara@aladi.org

---

(1) Nesse trabalho utiliza-se português brasileiro.
(2) Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), *Glossário*, http://www2.aladi.org/nsfaladi/vbasico.nsf/walfa/a.
(3) Secretaria-Geral da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), *ALADI/SEC/Estudio 180: Glosario de Términos Logísticos 2006*, 2.ª ed., 2006,
http://www.aladi.org/biblioteca/Publicaciones%5CALADI%5CSecretaria_General%5CSEC_Estudios%5C180.doc.
(4) Bernard, Y., Vergara, M., «Sistema Armonizado de Designación y Codificación de Mercancías (I)», «El Rincón Español», *L'Actualité langagière/Language Update*, vol. 6, n.º 3, 2009, p. 43,
https://www.btb.termiumplus.gc.ca/tpv2guides/guides/caleid/index-eng.html?lang=eng&lettr=indx_autr8IU-7zLGUQis&page=9RzcFiRP5aCw.html.
Republicado em *puntoycoma*, n.º 115, 2009, https://ec.europa.eu/translation/spanish/magazine/documents/pyc_115_es.pdf, e em «a folha», n.º 34 — outono de 2010, https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha34_pt.pdf.
(5) Vergara, M., «Sistema Armonizado de Designación y Codificación de Mercancías (II)», *puntoycoma*, n.º 119, 2009,
https://ec.europa.eu/translation/spanish/magazine/documents/pyc_119_es.pdf.
Republicado em «a folha», n.º 35 — primavera de 2011,
https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha35_pt.pdf.
(6) Vergara, M., «Sistema Harmonizado de Designação e Codificação de Mercadorias (III)», «a folha», n.º 38 — primavera de 2012, https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha38_pt.pdf.
(7) IATE: European Union Terminology, *Compêndio de Pareceres de Classificação*,
https://iate.europa.eu/entry/result/1263709/en-pt/.
(8) IATE: European Union Terminology, *posição pautal*, https://iate.europa.eu/entry/result/796685/en-pt/.
(9) IATE: European Union Terminology, *posição residual*, https://iate.europa.eu/entry/result/ 823948 /en-pt.
(10) Lorente, M.. «Tipología verbal y textos especializados», Gonzalez Pereira, M. (ed.), Souto Gómez, M. (ed.), *Cuestiones conceptuales y metodológicas de la linguística*, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2001. p. 143-153, ISBN 84-8121-965-7, http://books.google.com/books?vid=isbn8481219657.
(11) Krieger, M. da G., Finatto, M. J. B., *Introdução à Terminologia: Teoria & Prática*, Contexto, São Paulo, 2004, ISBN 978-8572442589, p. 84.

Redação: José Pedro Ferreira (Comissão); Valdemar Ferreira (PE); Manuel Leal (Conselho da UE); Victor Macedo (CESE-CR); António Raúl Reis (Serviço das Publicações)
Grupo de apoio: Paulo Correia; Ana Luísa Faria (Conselho da UE); Susana Gonçalves (Comissão); Hilário Leal Fontes (Comissão); Cristina Machado (Comissão); Ana Lorenzo Garrido (Comissão); Joana Seixas (CESE-CR)
Paginação: Susana Gonçalves (Comissão)
Envio de correspondência: dgt-folha@ec.europa.eu

Edição impressa: oficinas gráficas do Serviço de Infraestruturas e Logística — Bruxelas (Comissão)
Edição eletrónica: sítio Web da Direção-Geral da Tradução da Comissão Europeia no portal da União Europeia — https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/pt_magazine_pt.htm

Centro de Informação Europeia Jacques Delors
DGAE/Ministério dos Negócios Estrangeiros

A coleção completa d'«a folha» está disponível no catálogo em linha da Biblioteca Jacques Delors
https://infoeuropa.eurocid.pt/pesquisar/wti=(a+folha)+AND+(wfmt=se+OR+wfmt=an)/catalogo=bibliografico

«a folha» ISSN 1830-7809

ISSN 1830-780-9
9 771830 780004